



OSVALDO POLIDORO - REENCARNAÇÃO DE ALLAN KARDEC

*Um aterm
além do tumulto*

**UM ATEU
ALÉM DO TÚMULO**

OSVALDO POLIDORO
(reencarnação de Allan Kardec)

UM ATEU ALÉM DO TÍTULO

“Se um só irmão beneficiar-se com esta narrativa, fugindo ao desequilíbrio, escapando às torturas conseqüentes, dar-me-ei por pago do esforço despendido na transmissão da mesma”.

O Autor Espiritual

UM AMIGO E UM CONVITE

Primeiramente devo dizer que o meu estado psíquico ressent-se ainda de avarias pronunciadas. Afinal, fácil será para quem já conhece alguma coisa na vida errática, que um grau hierárquico interno corresponde a uma zona hierárquica externa. Assim, pois, sendo o planeta sólido circundado de zonas concêntricas e superpostas, ou céus, como se dizia antigamente, simples será compreender que, à medida que for o espírito se iluminando internamente, tanto mais irá tendo ingresso em zonas mais divinizadas.

Também, não quero entendam esta teoria de um modo dogmático; porque um plano qualquer desses comporia gradações várias de seres. Entre o que seja mais evolvido em uma zona e o que esteja em ponto antípoda, uma infinidade de pequenas variações existem. Uma zona ou faixa, portanto, sendo já especificação hierárquica, não deixa de ser, também, de um modo geral, genérica quanto ao padrão médio em si. Entende-se, portanto, que dentro de uma zona hierárquica, existe campo para muitos poderem ensinar e aprender. Isso seria impossível, caso uma zona astral fosse habitada por uma só e grave condição espiritual.

Os céus, portanto, embora crescendo em expressões, à medida que se afastam da crosta, nem por isso comportam menos umas tantas heterogeneidades. Sábia lei regula os fenômenos da vida em qualquer de suas manifestações, disso dúvida não deve permanecer em ninguém. E quem pensar em céu à moda católica ou protestante, um céu sem toda uma interminável cadeia hierárquica, pode estar certo de que, ao ter de enfrentar a realidade, ao desencarnar, terá também de modificar o seu modo de pensar.

E isso já fará um grande bem ao filho de Deus, esse filho das futricas teologais, dos despeitos religiosistas, dos interesses conchavistas das religiões. E se acharem que estou avançando muito, deixem também para mais tarde, fazerem um juízo qualquer. É que, embora todas as religiões preguem o bem teoricamente, nem por isso deixam de fazer certas guerras, bem mais imundas do que as feitas pelos políticos e militaristas. Pelo muito que os religiosismos usurpam dos seus crentes, com os seus padres e suas futricas fetichistas, que outra coisa não são os formalismos que vendem, bem poderiam falar um pouco mais de verdade. E no caso de não a ter, melhor não seria que a procurassem?

Hoje, como homem sofredor que ainda sou, mas consciente das infinitas condições de vida no astral da Terra, e consciente do que sempre houve de espiritualismo sadio no plano da carne, digo com todo o vigor de minha alma, que os cleros nunca fizeram mais do que truncar, com seus interesses sectários a evolução da humanidade, no verdadeiro sentido. Tendo, pois, oportunidade de falar aos que ainda medram nos planos densos, faço-o com prazer, ao lado de miríades de outros que, ao redor da Terra fazem a mesma coisa, para o mesmo fim, que é ilustrar o homem a respeito das infinitas possíveis condições de vida, na erraticidade, quando o tal denso plano tiverem de abandonar.

Quem vive na Terra, em geral, queixa-se de como vive, acreditando que poderia viver melhor. Inconsciência de direitos e de deveres é que isso testemunha, em grande parte; mas, também, é sinal que a esperança jamais morre. Como também em estas plagas da vida assim ocorre, é bom vá-se o encarnado acostumando a sondar as razões de suas deficiências, de não poder saltar para melhor, assim com o simples gosto de querer. De resto, sem ter vontade de fazer humorismo, ninguém é barrado em sua marcha progressiva, rumo a tais melhores planos de vida. O que é de aquilatar, porém, é que não adianta aguardar a ingerência de favores, nem da parte de leis, nem de figurões quaisquer.

Todos os chefes juntos, de Cristo para baixo, nada fariam nesse sentido; é da lei fundamental que sejam eles mestres em técnica, em moral, em exemplos, em todo e qualquer ângulo em que sejam precisos seus ensinamentos, seus misteres edificantes. Quanto porém à edificação interna, que é o único instrumento ascensor, isso fica por Divina Determinação, a cargo de cada um. As instruções externas devem vir e de fato vêm de fora, não por um mestre apenas, mas por miríades deles, de um modo que, muitas vezes, passa despercebido até. A realização interna é de foro absolutamente íntimo. Por isso mesmo, nego haja quem tenha mais conhecendo menos; o certo é que, se sabe sempre mais do que se tem. As lições andam muito mais do que o aluno.

Fácil é saber, difícil é realizar. Quem mais do que eu pode fazer alusão a um tal princípio? De tal modo dirige a Suprema Lei o Universo e seus fenômenos, em todos os sentidos, em todos os planos, que, saber mais e proceder menos, corresponde a sofrer mais e ter menos direito de reclamar. Isso já é muito sabido, em vista do que disse Jesus. Mas é sabido teoricamente; porque, em base prática, não creio que

haja na Terra, como pessoa encarnada, quem dê cabal desempenho ao dever, de proceder em conformidade com o que sabe, de ordem moral e espiritual.

Fui, pois, como pouco mais ou menos o são todos os homens, um transgressor da Lei; o mal todo foi o que sabia sobre ela, e não o que dela ignorava. Ela não dá a quem já não possa de fato ter, nem pede qualquer coisa a quem de fato nada tenha dado. É nesta linha mecânica e moral que tem sua atividade. E é por isso que o homem, que julga ter de um dia enfrentar um tribunal que não sabe onde está localizado, sente-se em si e por si mesmo logrado, ao deparar com o juiz interno, que o faz entrar na posse daquilo que edificou, seja o que for, expressões indizíveis de luz, ou abismos tenebrosos. O seu a seu dono, tal a lei da Lei Suprema. E quem atende reclamações? Com quem reclamar? Por que forma? Onde?

Há, sem dúvida, uma saída para tudo. Reclamar? Apresentar razões? Tudo é possível e justificado. Basta ir reclamar precisamente aonde se cometeu a falta. No íntimo de cada um, revolver atos tristes, misérias que tais; destruí-las a umas, reparar a outros, atirar fora os pedregulhos e encher-se de bens divinos.

É certo que, às vezes, antes que tal se possa fazer, muitos decênios devamos aos planos limbosos. Depois de resgatados os erros moralmente, começará então a reparação técnica, brandamente. E quem tem de desmanchar um ato, por ser ruim, e repor um bom no local, já não perde em tempo alguma coisa? Com a dor do reparo moral e o tempo necessário para reparar tecnicamente, somado tudo, não daria para concordar em que, viver do melhor modo, seria trabalhar menos e lucrar mais?

Todos nós, homens e mulheres do mundo astral imaginamos muito nisso. Temos esperanças fortes nos efeitos do Consolador ostensivo, em seus tremendos avisos, nas suas lições de amor e temor. Não obstante, o Espiritismo não se responsabilizará jamais pelos atos dos seus adeptos. O sacerdócio estará sempre muito acima das ações dos seus sacerdotes. Por isso, já vi muitos espiritistas em lugares nada recomendáveis, aqui por estas bandas. O reino do céu não é dos religiosos; é de quem for mais verdadeiro! Não foi a Verdade que Jesus recomendou como libertadora? E se ela toma no mundo humano aspecto Moral e Científico, por que anda o homem a desprezá-la, enquanto cuida em comprar e vender disparates litúrgicos?

Sei bem que é por falta de experiência; neste caso, que ninguém despreze as caríssimas lições da vida. E se os homens desencarnados falarem, pelas múltiplas canaletas mediúnicas, passando à frente, não o preço de suas experiências, mas ao menos a inteligência das conseqüências vividas e sofridas, que não deixem os viajores da carne, em esquecimento, o mérito dos avisos. Cumprimos nosso dever, bem a par das sábias lições do Divino Mestre. Foi quem avisou muito sobre os méritos do Consolador, como distribuidor de informes precisos.

O AMIGO

O meu serviço aqui é, não poucas vezes, muito inferior ao que desempenhava na vida de encarnado. Na minha vida de encarnado era professor primário. E como tivesse, agora o sei, grave embalagem do passado pesando sobre mim no sentido do ceticismo, e sendo certo que as concepções antropomórficas sobre Deus não podiam ter em meus raciocínios aceitação, o que fiz, por quase toda a vida, foi ensinar um quase absoluto ateísmo. Afirmava que uma força regia o universo; mas que a isso chamar Deus era coisa de simplórios.

Por razão moral explicava que, em face de ser uma força, com caráter geral para todos os efeitos, fria em todos os sentidos, de nada poderiam valer os atos ditos ou tidos como religiosos, comprados ou vendidos. Hoje, francamente, louvo-me de assim ter pensado. Nisso estava certo. E com a consciência que venha de alcançar, sobre uma Divina Essência, Poder Absoluto, que tudo engendra e rege de dentro para fora, sinto em mim apenas a dor moral de ter falhado no modo de interpretar essa Divina Essência, criando no ânimo dos pequenos, disposição para negações prejudiciais. Não foi o que fiz no momento; foi o que causei, como consequência, o que me prejudicou muito.

Como consequência para mim, ficou o ter-me encontrado, em pós a desencarnação por acidente, em um lugar onde não havia suficiente ar para respirar. Agora sei que nos planos astrais inferiores, tanto se pode sofrer por ter demais como de menos, qualquer bem da vida. Pode parecer estranho, mas o desequilíbrio é quem gera todo o mal. E por aqui disso pode haver, por isto ou por aquilo, de um modo ou de outro, causando dor espiritual, moral, mental, intelectual e material a nosso modo. A nosso modo, sim, em vista de tudo ser questão de relação entre o indivíduo e o ambiente, sua intensidade psíquica e a densidade dos elementos cósmicos.

Nós vivemos em pleno mundo material, para certos efeitos, bem assim, como, para outros, em mundo astral acentuado. Tudo é relativo em qualquer ponto do universo, dizem os mais sábios daqui. Por isso, enfrentamos dificuldades e contamos com gratos acontecimentos e sublimes possibilidades, no mesmo ambiente.

Faltava, pois, ar para respirar, no plano por onde perambulei uns trinta e poucos anos. Não que fosse triste de tudo. Não que faltasse ali vida organizada. Não que deixasse de contar com alguns bons recursos. O mal é que, havendo de tudo um pouco, havia pouco ar, causando isso muito sofrimento aos cidadãos do local. Havia épocas, como que periodicamente certas, em que o mal se agravava, em forma de crises. O desespero roía, acabrunhava, tornava malucos a muitos. Alguns corriam, fugiam, queriam esconder-se em bosques ralos. Outros, notem bem e não pasmem, morriam... Sim, morriam, tendo de ser enterrados. E agora sei que não morriam, pois deixavam, como acontece na Terra, um corpo mais denso em troca de outro mais leve.

Morrer era um modo de findar a purgação moral em tal plano. Outros modos existem, sendo que eu, por exemplo, tendo ido dormir uma noite, no dia seguinte acordei em lugar bem estranho. Até hoje, ninguém me disse o que comigo se passou, se morri por lá, se para cá fui trazido por alguém delegado para tanto. Como tudo é possível, porque de leis não há falta na Obra Divina, nem tenho interesse em procurar saber isso.

Agora estou, pois, num plano socorrista, como faxineiro. Tenho doze horas de trabalho por dia. E não sou o único professor que está fazendo isso. Gente de bem mais alto coturno está passando por coisa pior. E por muito pior do que isto, vi gente muito mais importante do mundo passar em tenebrosos lugares. Isso, porém, serve-me de consolo. Que seria dos pequeninos do mundo, se os grandes de lá pudessem comprar também a justiça daqui? Pelo menos, por estas bandas, ninguém poderá discutir a condição de um rei ou de um pária, por vê-los, ambos, em bem maus lençóis. Cada qual tem o seu, independente dos títulos do mundo, das prerrogativas da sociedade terrícola.

Ninguém é julgado por ter sido rico, pobre, ignorante ou sábio; mas é julgado pelo modo como exerceu a sua vida, segundo cumpriu seus deveres. A Justiça Suprema não age por despeito, como julgam os beatismos tolos do mundo. É lá no plano da própria consciência, lá onde o ser em si mesmo sabe estar a falta cometida. Onde pôs luz, encontra-a. E onde pôs trevas, não deixará de encontrá-las. O imperador como o lixeiro, tanto podem ser bons como ruins.

No pavilhão onde trabalho, pois, fui procurado por um amigo, o Simão. Vinha ele com ordem para me levar ao chefe dos serviços, com urgência. Este Simão, é bom o diga, também veio de planos intelectuais do mundo físico, também teve seu quinhão na falta de ar, bem assim como distribuiu negação divinal a muitos irmãos da Terra. Hoje, também estranha que tenha negado o Espírito Divino, sendo natural que mais do que Ele não há o que exista. A vida regurgita de Vida por todos os poros, o que se vê manifesto, testemunha o Supremo Imanifesto de todos os modos. Até onde poderemos ser brutos, santo Deus?!...

– Vamos imediatamente, Janeiro, que o chefe deseja vê-lo – disse-me ele, de um modo interessante, sorrindo e apreensivo...

– Que há de novo? – indaguei, curioso, notando-lhe o sorriso leve e a acentuada expectativa, enquanto largava a um canto vassoura, escovão e panos.

– Isso é o que quero saber! – resmungou o amigo, fazendo um gesto de mão todo a seu modo.

E acrescentou elucidativo:

– Você sabe que o Plano Divino não é o de nos ter rastejantes; Deus quer de nós coisa melhor. Quem sabe lá se isso que vem para você, no curso dos liames, não virá me atingir, também e beneficemente? Como a Divindade não é aquela cegueira fria de que nós cogitávamos antigamente, e tudo o que faz é por meios naturais, sempre espero que no bojo de uma ação aparentemente alheia a mim, venha a mim diretamente alguma coisa.

– Quando todos na Terra pensarem assim... – considerei.

E ele emendou, com a sua sempre boa dosagem de senso comum:

– Quando todos na Terra pensarem assim, a humanidade viverá feliz, porque o bem de uma célula, verdadeiramente, só poderá ser como produto do bem geral. Menos disso, convulsões de toda ordem poderão abalar os fundamentos de toda e qualquer felicidade temporal.

– Nem que a tal “morte” tenha de intervir! – interrompi-o, por me vir à tona uma avalanche de recordações que tais, todas de triste ânimo.

Ao que ele, entrementes, saltava um valo que carregava a sujeira para lugares de treva, de onde vinham muitas vezes bramidos tristes, lúgubres, concluiu, lastimoso:

– Nem se duvide... É só mesmo com muito de mortes e renascimentos... O de que, porém, é bom tratar, é que nem a morte, com todo o seu séquito de vida e contundentes lições, faz às gentes do mundo, o que se julgaria por cálculo, por teoria.

Nesse momento, quase transpondo o portal da Diretoria, parei para indagar melhor, pois não havia entendido bem o sentido do palavreado. E ele repetiu, mais explícito, por outros termos:

– Pois você não sabe que, apesar dos testemunhos do plano astral, fazendo se manifestem nos Centros Espíritas os seres mais sofríveis, para servir de exemplo rude, nem por isso os encarnados apresentam, ou tratam de apresentar, melhor cartel de conduta?

– Bem – intervi – você poderá negar a qualquer um seu direito de experiência própria? Comece por nós o seu raciocínio: quanta gente nos disse no mundo, sem dúvida, que estávamos pensando erradamente? No entanto, para nossos bestuntos, quem estava militando em erro?

– É razoável... – concordou ele – E isso prova que o bicho mais rezador não é o mais...

E terminaria o pensamento de um modo menos recomendável no gênero humano, se o chefe não tivesse vindo ao nosso encontro, por ouvir-nos falar. Depois dos cumprimentos, disse-me o chefe:

– Janeiro, eu o felicito. Vai deixar-nos, rumo a seus mais belos ideais. É de meu dever humano e dirigente, abraçá-lo com fervor, sentindo o valor de uma inteligência vigorosa e dócil.

E como me vi num repente face a face com tudo quanto tinha sofrido nos lugares onde faltava o ar suficiente, eis que ele, penetrante que era, sem ser um grande espírito, observou:

– Felizes aqueles que aproveitam as sábias lições da vida, meu caro Janeiro. Errar é da própria vida, uma vez que o sentido da mesma é de baixo para cima, da ignorância para a sabedoria, da inconsciência para a consciência. Quantos estão em condições piores, muito piores, e esquecem-se de que sofrem de si próprios?

Fez uma pausa regular e disse, ilustrando sua tese:

– Ontem, meus amigos, fomos socorrer um grande general do mundo, que há quase trinta anos medrava pelos campos de sangue, morticínio e gemidos, que lhe tocaram por turno, com a desencarnação. Assim que lhe dissemos que era já desencarnado e que sofria o produto de suas próprias ações, perguntou-nos, ansioso:

– Então, meu senhor, sofro por ter perdido alguma batalha?!...

E quando lhe foi dito que sofria por tê-la ganho, pois foi um vitorioso até o final das campanhas, ele que compreendia bem o dever das conquistas externas, ficou sem compreender o sentido do dever para com as conquistas de si mesmo, dos sagrados impérios do espírito, resmungando deste modo:

– Mas!... Porventura!... Meu Senhor!... Não estará falando com alguém que não é quem julga ser? Pois se fui um vencedor, de que me acusaria Deus?!...

– E que fez com ele? – indagou o amigo Simão.

– Como não é justo pedir conselho a desvairados, e como é justo tratá-los como a doentes, desde que havia disposição reequilibrada em seu favor, tiramo-lo de onde estava e, dentro em pouco, será o seu substituto nos serviços de faxina, no nosso mui prestimoso serviço socorrista...

Um mundo de coisas passou pela minha mente, com relação ao ensino do Cristo, sobre os exaltados que seriam humilhados, e vice-versa. Enquanto isso, depois de receber do chefe o afetuoso abraço, entramos para o seu gabinete. E deu-me ele o cartão que disse ter vindo de seus superiores hierárquicos, com o qual deveria eu apresentar-me no local para onde me levaria um dos seus auxiliares.

Simão estava de folga. E como eu tivesse recebido ordem de não tornar ao serviço, fui com ele dar uma volta pelos arredores infelizes, para o lado onde tudo era trevas, embaçamento, gemidos e blasfêmias. Não queria sair dali, sem levar na lembrança certas impressões desagradáveis, para, eventualmente, um dia me servirem de avisos conscienciosos. Ali, talvez mais do que em outras plagas, estava vigorosamente exposta a ação da lei de causa e efeito.

Embora protegidos pelas barreiras defensoras, penetramos tanto nas brumas dolorosas, que, o terror parecia querer nos assaltar, fazer-nos correr. Uivos, gritos, berros, gargalhadas terríveis, lágrimas, pedidos de clemência, vergastadas, palavrinhas e palavões; influências energéticas perniciosas, mau cheiro, fedores insuportáveis, de tudo havia ali e tudo nos transmitia seu recado macabro.

– Quantos se julgarão culpados de suas dores? – indagou-me Simão.

– Não sei... Mas como sempre culpamos aos outros pelos nossos fracassos...

NOUTRA REGIÃO

Dentro em pouco, ao cair da noite, que ali beleza alguma tinha, pois a poesia entregava todos os pontos ao trágico, fui procurado por um auxiliar do chefe. É que o mensageiro ia sair, conduzindo-me. Já havia posto uma dedicatória em um exemplar de “O Novo Testamento”, para deixá-lo como lembrança a Simão. Isso feito, todas as despedidas, que bem sentidas foram, em vista de forçadas, no cadinho da dor, as amizades, partimos por volição, graças ao mensageiro.

– Eis a cidade! – disse-me o rapaz, apontando para baixo e mostrando-me uma cidade de umas seiscentas mil almas, mais ou menos, que apresentava aspecto bem mais consolador do que o lugar de onde vinha eu.

– Pelo que vejo, por ser noite, parece ser uma cidade de gente feliz... Ao menos, meu amigo, diviso horizontes montanhosos e poéticos, para além do casario que se espraia rareante.

– Vamos descer? – disse ele, parecendo não atender ao meu apelo íntimo, que era encontrar um pouco de pão artístico para a fome do espírito, um tanto recalcada.

E numa fração de segundo, talvez, já estávamos à soleira de uma porta, sendo recebidos por doce voz feminina, partida de uma senhora que abraçara o rapaz, chamando-o filho.

– Este é o amigo Janeiro, de quem já lhe falei, mamãe. Terá pousada em nossa casa, até que queira deixá-la, por seu gosto.

E como me tivesse apresentado, sabendo eu que era sua mãe, fiquei tão encantado com a situação e as circunstâncias, que, nem jeito tive para falar aquilo que é preciso. Tendo ela notado isso, apanhou-me pela mão direita e disse-me, com um profundo sentido maternal na voz, essa voz de mãe, que eu de tanto não ouvia:

– Seu Janeiro, amigos de meu filho, meus filhos são. Venha conhecer mais uns irmãos e mais algumas irmãs.

E apresentou-me a mais de umas vinte pessoas, todas jovens, mui alegres e esperançosas, que em torno a mim sorriam, cada qual mais se interessando por meus mais comezinhos interesses, numa demonstração de cordial fraternismo. E como eu estranhasse uma filharada tal, a dona da casa explicou-se:

– Meu caro Janeiro, são quase todos filhos adotivos. No mundo, perdi todos os meus e, como julgava e julgo ser a vida uma obrigação social em si, e de não curtas longitudes morais, procurei tomar filhos alheios para criar. Os vivos andam por lá... Os mortos estão aqui... Outros medram em planos superiores... Nos baixos ninguém tenho, graças a Deus.

E os seus filhos, julguei, seriam da última encarnação? Se tinha perdido a todos... E assim imaginava, quando ela enveredou a palavra para o terreno próprio, sondando minhas íntimas inquirições:

– E os filhos são de vida anterior na carne, é isso mesmo. Seu Janeiro, ninguém tem filhos no mundo, senão irmãos que de fato necessitam de amparo. A constituição familiar é o marco zero da

iniciação coletiva no indivíduo, como princípio de educação social. A Terra vai enveredar para plano superior e, ai daquele que se não compenetrar de tais verdades.

Eu antevia naquela mulher uma profetiza? Não sei dizer. Só sei que, de tão poucos minutos conhecidos, ela me passava à retentiva, informes sublimes. E como aquela moçarada estava atenta a ouvir, fiquei calado, também, para colher mais algumas palavras. E Mariana prosseguiu, numa tal convicção, que, creio, passaria a certeza de suas afirmativas até a uma pedra:

– A falsa educação do mundo vai ter o seu fim na conquista de conhecimentos mais nobres por parte dos homens. O ciclo amplia-se, e, cada qual irá se compenetrando da obrigação de ampliar suas solicitudes ao gênero humano. Os jacobinismos terão que ceder lugar ao mais intenso espírito fraternista. Os exclusivismos são sinônimos de miserabilismo. E é no seio da família que o homem aprende a ser egoísta, invejoso, falso, despeitado, rancoroso, tudo por falta de uma melhor educação, sobre as origens, o plano e as finalidades da vida.

Eu estava boquiaberto, francamente surpreso. Aquela mulher avançava para um campo, ante o qual se curvaria a coragem de muitos ditos educadores, figurões de todos os naipes, inclusive a grande maioria de instrutores religiosos. E ela foi dizendo, firme e simplesmente, os olhos brilhando sob a chama de uma elevada e estranha inspiração:

– É da vontade do Cristo, neste dealbar de um novo ciclo, que se passe ao homem de qualquer ângulo planetário, o informe de melhor comportamento. O laço consangüíneo deve ser encarado como subordinado ao espiritual. O que até aqui se tem feito é negar o espírito em face da matéria. E como sem amor espiritual é impossível exercitar bem outros sentidos do amor, eis que a família ficou sendo um reduto de instruções criminosas.

Parou um momento; olhou significativamente para os jovens todos que a circundavam; e continuou, dando à voz um timbre profundamente grave:

– Quantas famílias no mundo o são à base de verdadeira compreensão? Que exemplos dão os seus elementos componenciais? E muitas vezes, por quais injunções premidos? Quantas vezes o convencionalismo social não trucidou o verdadeiro sentido da comunhão familiar? Em que grau de porcentagem a família é o berço da verdadeira educação social? Não é certo que o instituto da família, que deveria ser o ponto de partida do amor universal, torna-se na maior parte das vezes o propagador dos ideais mais criminosos?

Aquela mulher devia saber alguma ou muita coisa sobre mim. Ela estava entrando por um terreno que me era diretamente íntimo. Eu tinha recebido de meu pai muitas instruções negativistas, bem assim como as tinha passado à frente. E do resultado nada tinha a duvidar. E Mariana prosseguiu, concluindo:

– A Lei do amor é acima de tudo. Não respeita barreiras convencionais. E se esta Lei fosse vivida, os pais, os filhos etc. seriam entre si amigos e não algozes. Como, porém, o erro surge da ignorância, eis que o programa é orientar do melhor modo. E nós que trabalhamos junto dos irmãos encarnados, por meio do Consolador manifesto, devemos respeitar nossas oportunidades.

Sorriu e emendou:

– Estou com o meu discurso, estragando vosso divertimento... Vão tocar, que a música sublimiza o caráter.

E olhando para mim, disse com bondade:

– Janeiro, nós teríamos de nos encontrar um dia...

Mandou-me sentar em um sofá, sentou-se ao meu lado e prosseguiu:

– No curso do movimentar infinito, os fatores encarregam-se de aproximar os elementos. As forças cósmicas, os mundos, as pedras, os homens... Entre nós há muita coisa em comum; mas prefiro que primeiro vá encontrar a seu pai...

Um arrepio me perpassou pelo corpo todo ao ouvi-la dizer assim. De fato, eu nada ainda havia sabido sobre meu pai, embora sempre o julgasse em melhores condições do que eu. Mas,

verdadeiramente, como e onde estaria? Por isso, sentindo que poderia ser franco, em vista de Mariana externar tanto sentimento de igualdade, perguntei:

– Sabe alguma coisa a seu respeito, senhora Mariana?

Ela encarou-me bem, pensou por um instante e depois disse:

– Calemos sobre isso, por hoje; amanhã poderá começar a tratar de tal assunto. Afinal, Janeiro, o próprio amor é matemática... Matemática e nada mais, uma vez que tudo é à base de Lei, em Deus, com Deus e por Deus. Nenhum outro prisma existe para ser utilizado, sendo que o dever dos filhos é compenetrar-se da Lei do Pai. Sem Lei nada há nem se movimenta, sem Lei o existir e o movimentar seriam crimes, por a finalidade não ter objetivo fixo.

E aguardou qualquer consideração de minha parte, a julgar pelo estacato que fez e o olhar que me lançou. Por isso, senti-me na obrigação de considerar:

– Como forjou esse caráter tão sólido em torno de tal princípio de Lei?

– Quem, Janeiro, espiritualmente falando sondar os escaninhos da Moral, da Filosofia e da Matemática, assim terá que pensar, sentir e viver. E com os suprimentos que me vieram com a desencarnação...

– Esteve nos planos de dor?...

– Não. A Lei do amor é a Suprema Lei. Eu não lhe disse que perdendo meus filhos procurei filhos aparentes, filhos alheios?...

– Então, o amor de Deus a recompensou?

– Não! Mil vezes não! – retrucou ela, veemente.

– Não entendo muito bem, senhora Mariana...

E uma moça, que veio sentar-se ao meu lado, tendo ouvido o final de minhas palavras, emendou, intervindo:

– Mamãe Mariana é, à vezes, difícil de ser entendida; espere, todavia, que jamais deixou ponto por explicar.

De fato, afirmou, explanando:

– O mundo religioso terrícola está empanturrado de convencionalismos ridículos. Até o presente, Janeiro, os homens fazem da Suprema Lei um brinquedo dos beatismos mais repugnantes. Sem conhecer as leis, querem explicar os fenômenos e a conseqüência lógica é o absurdismo teológico que medra pelo mundo. Em lugar de amor científico, cultivam o amor temor, o amor fetichista, aquilo que é baboseira convencional, por onde cleros esfarrapados subsistem. Vão dizendo de Deus uns tantos superlativos nauseantes; mas ficam intimamente suspensos em face de uma calamidade telúrica, de um terremoto, de um tufão, de uma guerra, de uma epidemia etc.

Sem dúvida, o amor humano para com Deus sempre se me afigurou como de fundo supersticioso, fetichista, quase hipócrita. Noventa por cento das recomendações religiosistas do mundo giram em torno ainda do aplacamento da ira de Deus, embora em moldes mais suaves. Todos, quase, querem comprar a Justiça Divina por meio de oferendas e propinas. A própria oração, que é a utilização do poder mental radiante, força tremenda mas relativa, tal como tudo no que se diz relativo, é utilizada com fins utilitaristas, imediatistas, individuais. Por tal razão, estava ouvindo com prazer uma tal dissertação, principalmente partida de uma mulher, que por questão de sensibilidades e recalques religiosistas, quase sempre pensa como determinam os conchavismos clericais, e não como o bom senso indicaria, isto é, segundo o produto da melhor sondagem, quer por razões morais, quer filosóficas, quer científicas. E Mariana foi seguindo:

– Tudo tem explicação lógica. Nada sendo sem Lei, na sondagem por meio de leis é que está a chave de tudo. No entanto, fanáticos uns, medrosos outros, animalizados outros, vivemos sempre adorando através do erro, do crime, as bajulações mais repugnantes. Poucos pensam usar o Amor e a Ciência, a Moral e a Filosofia, como instrumentos de respeito, que outra coisa Deus não quer; mas, cada

qual e cada credo, vai inventando balangandãs e bugigangas, à custa dos quais pretende surrupiar à Divina Lei, o direito de ser Justa, a sua condição de integridade, sem altos nem baixos.

Depois de silenciar por um pouco, afirmou que nada mais diria em tal sentido, depois de sentenciar:

– O modo de cultivo religioso deveria ser o do Cristo. Depois de ter a Revelação ostensiva por evolução, coisa que é em vista de lei e não de favor ou desaforo da parte de Deus, viver moral e cientificamente do modo mais franco possível, quer para com Deus, quer para com o próximo, e, acima de tudo para consigo mesmo. Sim, pois quem é traidor para consigo, como vai ser fiel aos outros? Ou, quem poderá dar o que não tem?

Pôs-se de pé para receber uma outra jovem que chegava, tendo eu ficado com a que estava ao meu lado. E foi ela quem disse o seu nome, travando comigo um diálogo.

– Chamo-me Flora, senhor Janeiro. Gostaria de saber qualquer coisa sobre seus interesses próximos, se lhe não for molesto adiantar-me alguma coisa. Trabalho em um Centro Espírita na crosta e sempre colho elementos na própria vida, com que ilustro as fracas palestras que posso manter com os irmãos da carne.

– Sendo discípula de mamã Mariana, muito de interessante deve ter para contar aos amigos da carne. Ela é rigorosa em seus conceitos ao tratar das leis fundamentais que regem a vida.

– Quem a fez assim foi o próprio viver. Em outros tempos viveu com quem falava muito em Deus, no amor a Deus, na Misericórdia Divina, enquanto agia como bem entendia. A Justiça Divina colheu-os a todos em suas malhas integrais, pois a bajulação não encontra nela ecos. Ela procura saber e sentir Deus, por si mesma, como melhor pode, tirando proveito das lições da vida. Os preceptores daqui convidam sempre nesse sentido, pois cada qual tem em si de Deus tudo quanto os outros possam ter. E não confundem o dever humano de ensinar sempre o melhor, sem se arrogar o direito, aliás estúpido, de converter, salvar ou condenar a quem quer. Nós bem sabemos que é por lei natural que cada qual chega a ter o que busca, sem ser preciso que segundos por ele isso façam. Aqui, senhor Janeiro, o Evangelho de fora é medíocre e o de dentro é sagrado... Qualquer um sabe que aquele sofreu corrupções, sendo que o interno, embora estando por ser desperto, não sofrerá jamais uma tal lesão. O Evangelho interno é Deus em nós... Precisamos aprender a manifestar o brilho de Deus, de dentro para fora... Eis porque, nesta região, não há clerezia nem templos, como em outras principalmente nas inferiores.

– Onde oram?

– A comissão anuncia um lugar qualquer, sendo que o povo vai se quer ir. Em todo e qualquer lugar é lugar, pois a comissão é constituída de homens trabalhadores e sem preconceitos.

– Mas há uma comissão?

– Sim, senhor; mas é rotativa. Cada seis meses trocam-se os elementos constitutivos da mesma.

– De que forma procedem?

– Tudo é questão de Essência e Forma. Sendo Deus Essência, em Essência se O adora, sendo que em Forma, estudamos Suas manifestações. Ninguém formula por estas plagas um gesto físico, ou um cerimonial, pensando com isso ser útil a Deus.

– A irmã falou útil propositadamente ou como modo de dizer?

– Lei é Deus, Lei somos nós, e como o adoraríamos melhor? Não creio vá imaginar precise Deus de nossos beatismos formais. Somos manifestação divina e, precisamente por via disso, queremos ir nos integrando em Ela. As reuniões têm por objetivo facilitar o exercício aproximativo entre Deus e nós, por meio de nossas forças próprias, que são o ser, o pensar, o querer, o sentir e o agir. Nesta região, é bom o saiba, medram os elementos que foram mui burlados pelos formalismos clericais; era-lhes fácil deixar um irmão morrer na forma, contanto que pudessem oferecer nos templos, um formalismo caro. Entre dar um pedaço de pão ao semelhante e acender uma vela cara num altar, preferiam dar a vela cara ao altar. E o resultado foi uma romagem pelos países tenebrosos, por dezenas de anos. Agora, senhor Janeiro, Deus é para todos nós, Essência e não formalidade.

– Quem dirige a reunião religiosa?

– Qualquer cidadão escolhido no momento. Às vezes até uma menina ou um menino. É tão fácil, pois tudo consiste em pedir para orar. Depois, um conjunto coral canta hinos belos, sendo bem acompanhado por ótimos instrumentistas. Depois, de novo, fecha-se com oração a reunião; mas oração feita em silêncio, cada qual a seu modo e gosto. Isto, porque sabemos que tudo é, ainda, segundo modo e gosto. O essencial é a pureza de intenção, da parte de cada um.

– E os estudos?

– Para isso, senhor Janeiro, temos conferências, rádio, imprensa. Cada qual escreve, fala, prega, estuda, assimila, ensina, sem ser ninguém obrigado a aceitar, de mão beijada, o quer que seja. Ninguém dá nem pede exageradamente. Deus é Pai Comum e os irmãos entre si tratam-se como tal. A hierarquia é espontaneamente respeitada, como vê, por ser à base de lei natural e não por convenção de homens. E a maior oração é o trabalho, o dever cumprido.

– Deveras... O céu ser ganho na Terra... Sábia a Lei Suprema, oferecendo aos alunos campo experimental ao infinito, para o desdobramento dos poderes latentes. Não fosse certos homens inventarem formalismo e credices, a Revelação teria ensinado muito.

– Agora – intercalou ela – vão entendendo que o fito da encarnação de Jesus foi lançar de vez os fundamentos de uma doutrina de intercâmbio entre os ditos vivos e os ditos mortos, para que o CONHECIMENTO servisse de piloto ao viandante das brumas terrestres. Em nome do Cristo, falam do BEM e tripudiam sobre a Revelação, quando o sentido justo é pela Revelação alcançar o CONHECIMENTO e por este o BEM.

– Esplêndido, Flora, o seu raciocínio. Agora compreendo o significado do Consolador prometido por Jesus, como informante celestial. Antes, pensava apenas que a ida do Cristo à carne tinha por objetivo exemplificar o BEM, apenas. Agora é que vislumbro a inteligência dos trabalhos do Cristo Planetário, que foi ir da causa para os efeitos.

– E nós – acentuou Flora – desta casa, trabalhamos todos em Centros Espíritas. Creio que o senhor irá fazer parte da comitiva.

– Deus o permita!

– Pois isso terá, tenho certeza – foi sua última palavra, por ter de atender a um chamado de Mariana.

Em seguida, jovens acercaram-se de mim, depois de largarem seus instrumentos. Pouco depois, aquele mensageiro que era filho de Mariana chegou, alegre, convidando-me a acompanhá-lo até o quarto de dormir. Despedi-me e fui deitar, dando graças a Deus por tudo quanto tinha ocorrido nesse dia.

AO ENCONTRO DO MEU PAI

Quando o sol matinal foi começando a iluminar as terras de minha nova região, já me encontrava levantando e aguardando-lhe a saída triunfal, no cimo de uma elevação. É que, à hora de deitar, havia dito ao filho de Mariana, que Mauro se chama, das saudades que tinha de ver uma aurora. No meu tempo de homem da carne, tudo fazia para poder satisfazer esse prazer sublime, uma vez que o fosse em contato com a natura. E como Mauro tivesse falado nas belezas panorâmicas de certos recantos da cidade, tendo-lhe eu revelado o desejo de ver isso pela aurora, assim ficou combinado.

Como tal, o sol encontrou-nos a postos, sobre um monte que se sobrepunha a uns vales agrestes, já para o noroeste da cidade. Respirei o ar puro e ultra-oxigenado, lembrando-me bem do tempo em que queria respirar e não tinha o que, a contento. Lembrei-me dos que lá ainda deviam estar. Meditei na Justiça Suprema. E fiz cálculos sobre o rigorismo filosófico de Mariana.

A conclusão lógica, confrontando tais fatores com o fato de grandes prelados sofrerem o peso das iniquidades, também, tive que aceitar a tese de que a Divina Justiça não se move nem pelos extremos de louvaminhas, nem pela rudeza dolorosa dos negativismos criminosos. A uns, quem sabe por via da hipocrisia; a outros, talvez por causa do desvirtuamento de costumes. Ao certo, porém, é que a simplicidade falhando, tudo parece ter falhado como merecimento. O advogado dos espíritos é a simplicidade de conduta. Com ela tudo se observa, tudo se aprende e se propaga. Sendo-se simples, tudo se pode aturar, tudo penetrar, de tudo extrair vantagens imorredouras. À falta dessa virtude, tudo se torna duplicidade, qualquer poder negativo toma conta do homem, prostrando-o à margem da Harmonia Universal.

Quando uma dor, coletiva ou individual, assalta; quando toma aspecto econômico ou político, social ou quer seja, tudo quanto se deseja é volver à simplicidade. Em verdade, a humanidade vive tacanhamente, tanto quanto lhe exigem os imperativos artificiais sobre os quais se levanta há séculos a vida de relações entre os homens e os povos. Os estatutos sociais, as convenções humanas nada mais têm feito que procurar tanger no homem e nas coletividades o direito natural de evolução simples e gradativa, em todos os rumos desejados e precisos. E é aí que o cataclismo aparece; e é aí que a estagnação forçada estala seus tentáculos e se rebenta contra a rota progressiva. Depois de tudo serenado, de a força incoercível do fenômeno revolver tudo, então aparecem os apologistas da liberdade, proclamando a necessidade de simplicidade, para que a evolução se processe sem choques violentos.

Todavia, quando se libertará a humanidade dos grupos conchavistas, dos interesses de portas fechadas? Se todos partem de um só Centro Gerador, se todos carecem dos mesmos fundamentais bens para viver, onde está o direito de alguns sindicatos, no sentido de assaltar o direito alheio em prol de suas sanhas?

Encarando as matas belas e perfumosas dos vales fronteiros tinha eu a impressão de que, embora a luta esteja estabelecida entre todos os reinos e planos do que vive, o homem poderia viver muito melhor, conquanto contasse com um pouco mais de gosto pela simplicidade, no estudar, no sentir e no viver a vida de relações. Afinal, que dignidade põe o homem no seu alcance intelectual, que é quem o torna superior?

Depois, num repente, surgia pela frente de minha imaginação a mim mesmo, tal como tinha vivido, negador de Deus, de uma Divina Essência. Que sindicato teria influído sobre mim? Os cleros anti-revelacionistas e dogmáticos. E como temia o abismo que me separava do passado! Eu havia sonhado, ou coisa parecida, várias vezes, que era padre. Que tudo fazia por um ritual convencionado por homens, enquanto me opunha a tudo que fosse progressivo em matéria religiosa. E o meu pensamento caía como no centro de um turbilhão, do qual queria safar-me a custo, sem saber como. Foi nesse momento que olhei para Mauro, tendo-o visto com o olhar em mim fixo, como que me forçando a qualquer coisa.

Sorri, depois de encará-lo bem. Sorriu ele, também, tendo-me dito:

– Em verdade, Janeiro, você colheu ontem o que semeou anteontem... Dentro da era cristã, você foi um grande perseguidor do Cristianismo nascente, por via do intercâmbio com o plano astral, estabelecido por Jesus, na vida e no grande fenômeno do Pentecoste. Perseguii como quis para sustentar o ritual levítico. De modo algum poderia admitir que outros conhecimentos fossem cabíveis e precisos, para o desenvolvimento normal da humanidade. E com isso preparou-se maus bocados para o porvir. A armadilha caiu sobre o armador, caro Janeiro...

– Então, amigo Mauro, os meus sonhos não eram ilusórios?

– Em verdade, não eram sonhos; você estava, como está, no quadro de cuidados de amigos servidores de nosso plano. Dali é, que surgiram os sonhos, para você. Sujeitâmo-lo à visão retrospectiva por várias vezes, porque se aproximava o tempo de novos conhecimentos em sua vida.

– Assim é que age a Suprema Justiça...

– Naturalmente, amigo Janeiro; tudo por vias naturais, uns pelos outros para todos os fins, para a paz ou a dor. Nem poderia ser de menos, uma vez que ninguém erra sozinho...

– Que haverá entre nós, por exemplo? De onde viemos?

– Primeiro, procure a seu pai; depois, tudo irá melhor.

– Onde estará? Enquanto estava no plano de sofrimento, pensava freqüentemente em meu pai e em minha mãe. Depois, tudo foi se apagando, se apagando de minha memória... De nada valia pedir, clamar, esperar...

– A ninguém será dado, isto ou aquilo pela Justiça Divina, pelo fato de ser irmão, pai, filho, mãe, ou o quer seja, de Fulanos, Sicranos ou Beltranos; há um Supremo Princípio de Justiça e todos são iguais perante ele. Pela conduta pessoal no âmbito da Lei, que é a ordem Universal, é que cada qual receberá. Para os mais, na medida em que juntos tenhamos errado, nessa medida acertar-se-á. Tal é o caso de um grupo de seres, que agora vão se encontrar, nesta região, a fim de um novo período de atividades, sondar o campo vasto da evolução, rumo àqueles elevados píncaros por Jesus testemunhados, em sua personalidade. Porque, como já sabe, tudo é questão de ordem interna, de realizações íntimas, sendo que para elas não se vai por formalismos exteriores. Tal é o reino do céu.

O belo sol banhava em luz aqueles esplendores verdejantes e floridos, fazendo levantar-se uma nevoazinha tênue, deliciosa de ser respirada. E quis eu ter o prazer num momento, de viver um pouco daqueles bens, sem a perturbação de idéias outras. Por isso, pedi a Mauro que nada mais dissesse sobre nós, no momento, pelo menos.

– De fato – assuntou ele – vamos sentir a Presença Divina em Sua própria Obra, como dizem certos espiritualistas do mundo.

– E não têm eles razão?

– Muita, pois, por bem ou por mal, quem negará um plano Manifesto e outro Imanifesto da Divindade? E quando sairá o homem desse quadro intelectual, para penetrar no âmago do Imanifesto, de modo integral? Até que ponto atinge a consciência humana com relação ao Centro Gerador? A própria intuição, a maior arma de penetração do homem, a que ponto chega?

– Tudo no homem é relativo, porque tudo no plano Manifesto o é. Quem diria a mim, no mundo carnal, que poderia chegar a estar, como morto, tão vivo em face de uma tão bela paisagem agreste?

Quem julgaria a diversidade de planos, de crenças, de gostos, de modos de vida, de serviços, nestas plagas da morte? Quando e por que razão, um cético e às vezes integral negador de Deus, iria conceber o encontro com outros tantos filhos de Deus, imortais também, amigos ou inimigos do passado, para sérios ajustes de contas, depois do túmulo?

Mauro soltou uma gargalhada e disse, enquanto me convidava para ir descendo do alto do monte:

– E você não foi que disse, há pouco, para não falarmos mais nessas coisas, pelo menos enquanto estivéssemos aqui?

– Ora! Ora!... Até para quem do túmulo a vida é cheia de preocupações; até parece que a vida só existe para as preocupações...

– E que seria a vida sem problemas?... Ócio? Estagnação? Nada? Mas, o nada não pode existir... Logo, procuremos ter bons problemas...

Uma maravilhosa forma de mulher, num repente, como que se materializou em nossa frente. E pelo imprevisto, vindo, sentindo quem era, senti-me desfalecer. Era minha mãe! Em carne e ossos, diria, se estivesse no mundo das formas. E, de um modo, não é isto que temos, carne, ossos, músculos, tendões, tudo enfim, embora em grau sublimado? E se a lei dos extratos não fosse um fato, como se viria em subida progressiva, dos planos inferiores da vida, para os esplendores consciencionais? Existindo as hierarquias espirituais, por que falharia o correspondente no plano material? E não conhecendo o homem tudo no plano material, por que duvidar das verdades do mundo espiritual? Afinal, que sabe o homem do Começo ou do Fim de tudo? E haverá mesmo Começo e Fim?

De minha parte, hoje, montado sobre o corcel da vida, que galopeia livre e feliz pelas dunas de mundos sem fim, só poderei afirmar que tudo é vida por princípio, nunca podendo haver morte de fato. Poderá ela baixar ou subir em expressões, através de seu infinito poder de manifestações; mas vida é vida. E que diria de glórias tais, se a mente do homem carnal não lhes suportaria, nem intuitivamente, as profundezas de sentido?

Todavia, todos um dia repetirão comigo estas coisas, porque tudo é Um em Deus e em Sua Glória. Eis porque, amigos, os problemas da vida são divinais mesmo ao medrarem por tremendos abismos. Levanta-se deles e, tangidos por íntima força, investe-se de novo rumo às glórias sem fim. Por isso, deixemos a uns, que outros mais altos e mais dignos nos merecem! Afinal, não somos filhos da Luz, da Inteligência, do Amor, da Justiça?

Pois bem! Parti, sim, mas no colo, nos braços de minha mãe, tal como quando era criancinha! Eu, para ela, assim me disse, fui sempre um fardo por demais leve e gracioso. Assim são essas mães!... E se Deus assim as fez, por acaso estará errado? E se fez, por que fez? Sendo certo que todos somos pais, mães, irmãos, que é a vida, a existência, sem ser escolha de Amor?

EM CONTATO COM MEU PAI

Em fração de minuto estava de novo ao lado de Mariana, na companhia de minha mãe e Mauro. A alegria que sentia, por tão grato acontecimento, ia para além do que me parecia fácil suportar. Neste país de morte, coisas dão-se, muitas vezes, inesperadamente, pujantemente, como que nos forçando a desdobramentos íntimos fantásticos. Creio que tudo isto já esteja no plano dos dirigentes, por ser da Suprema Vontade. Deve ser para o despertar histórico, para que o espírito se vá compenetrando de si mesmo, a contar das profundezas de seus dias. Cada um de nós tem já o seu passado e, sem o seu concurso, quem poderia bem marchar para a frente? Afinal, o certo é um movimentado eterno presente; mas, sem trocar tal eterno presente por miúdo, por fração, por relativismo, quem agiria? Não somos já relatividade, por injunção do Absoluto?

É por isso que, tendo encontrado estranheza no mundo espiritual, em seus dédalos relativistas, nem por isso deixei de imaginar, que ele assim seria, sem o meu nulo beneplácito. Sim, amigos; ao deixar o espírito o seu corpo físico, e o seu *habitat dito material, onde os graus diferenciais penetram tudo, ingressa ele em um mundo, onde os mesmos graus diferenciais se multiplicam ao infinito!*

Existem na crosta continentes, países, regiões, mares, rios; cidades, vilas, casas, casebres; noite e dia; gente sã, gente doente, gente feliz, gente infeliz; altos e baixos, em todos os sentidos, para todos os efeitos, tudo coordenado em torno a um Supremo Eu, para fim de Justiça, Movimento e Evolução? Pois se é assim por essas bandas da vida, se tudo se move progressivamente, paulatinamente, rumo à perfectibilidade predestinada, ninguém crie em si complicados raciocínios, falsas concepções, quimeras, a respeito deste lado da vida, porque o relativismo em tudo está, aí como aqui, para a todos facilitar meios e compreensões necessários.

Em dado momento, minha mãe disse a Mariana:

– Marcharão dentro de dias para a reencarnação, dois de nossos bons trabalhadores; quero que meu filho tome o lugar de um deles, sendo que Simão será o substituto do outro. Há determinismo nesse sentido, havendo necessidade de executarmos o mandato, o quanto antes. Por isso, julgo melhor irmos já em busca de meu esposo.

De novo, um mundo de idéias, invadiram-me a mente, precipitadamente. Simão, o amigo que havia ficado esperançoso no posto de socorro, ia mesmo ser chamado. Que sorte de liames nos prenderia? Que fios materialmente invisíveis nos uniria? Que sorte de poder moral nos atava a todos? De onde vínhamos nós? Contudo, já me sentia capaz de confiar em tudo e em todos, sabendo que em poderosas forças assentam-se todos os destinos. Por tal razão, nada disse, aguardando que tudo se encaminhasse, segundo aqueles grandes corações julgassem mais acertado.

De fato, em pouco estávamos em viagem. Como ninguém quis dizer onde estivesse meu pai, de mim, também, nada indaguei. O que sei é que tomávamos o caminho dos abismos. Primeiro, em volição; depois, cuidadosamente, a pé, todos de braços ou de mãos dadas, para em caso de assalto das falanges rebeldes, apelar para o poder do pensamento e da vontade, e pôr-nos a salvo. E descíamos por caminhos de mim desconhecidos, mas que deveriam ser conhecidos de outros presentes. Um novo irmão havia se juntado a nós, num posto determinado. Parece que ele sabia bem sobre tudo aquilo.

Em certo lugar, estacamos. E ficamos à escuta. Escuridão e lamentos, gritos e apelos, blasfêmias e gargalhadas horríveis, vinham de um dos lados, do lado mais escuro. Um fedor quase insuportável havia ali. Parecia sair do próprio chão. E foi então que, minha mãe, segredando algo ao homem, que eu não pude ouvir, deixou-nos e se foi, descendo, descendo, até sumir na penumbra escura e fedorenta, juncada de uivos, lamentos e blasfêmias.

Pouco tempo passou-se e estava de volta, trazendo consigo um vulto qualquer, todo enrolado, como se fosse uma grande bola de panos velhos. Como sabia que devia ser meu pai, fiz por auxiliá-la; mas fui observado, baixinho, para que sustentasse um bom pensamento e conduta serena.

– Não pretenda ensinar à Justiça Divina o que seja Justiça, meu filho.

Depois de um convite a uma oração, fomos subindo, devagarinho, auscultando, ora aqui, ora acolá, até sairmos do pior lugar. E pude ver, de relance, os traços da fisionomia de meu pai, perdidos num misto de barbas e lama. Seu corpo mal estava coberto por trapos fedorentos. E não deu para mais, porque a caravana se pôs em marcha.

Atingimos um posto, aquele mesmo onde apanhamos o tal irmão de que já falei; e foi ali que pude ver melhor a meu pai. Francamente, nunca pensei que em tais borrascas se metesse. Como viveu ele bem mais do que eu, não sabia de seus feitos, para tal merecer. Agora sei; negar Deus foi um mal, ensinar a negar foi pior, e praticar certos outros atos de deslealdade para com minha mãe, amigos, tudo concorreu para um tal fim. Todo caso, ninguém é alheio à Justiça Divina. Ela põe e tira, sem rodeios nem senões, absolutamente infensa às injunções do convencionalismo humano. O reino do céu é um princípio de essência, e não um jogo de rótulos. Todo o verniz humano, todo o exteriorismo social, que poderiam contra um tal transcendente princípio de lei?

Seja como for, porém, meu pai ali estava e, para mim, seu modo de estar torturava-me profundamente. Tinha sido um bom pai, pelo menos até onde eu sabia e pensava. Tinha, pois, vontade de fazer por ele qualquer coisa; mas de que forma, com que elementos, se outros que ali estavam, bem mais evolvidos, mantinham uma calma superior, ostentando rostos alegres? Talvez por pensar, por sentir, ou por qualquer outra razão, minha mãe a mim dirigindo-se, disse confortante:

– Optar pelo menor mal já é ser prudente; este quadro poderá não ser agradável de ser visto neste momento, mas, sem ele, como o teríamos maravilhoso dentro de alguns meses? Como teríamos as vantagens dos bens profundos, sem as elaborações precisas? Há alguma coisa de visível, que ostente valor apreciativo, seja no sentido que for, que não tenha custado mil problemas por resolver?

– Minha mãe, compreendo o que quer dizer; acima de tudo, sinto que Deus é Perfeito em todos os sentidos, e, não teria sido para com meu pai o Seu primeiro engano. Como ignoro as causas, abstenho-me de comentar os efeitos.

Minha mãe sorriu satisfeita, olhou-me com ternura e emendou:

– De minha parte, que sei um pouco das causas, afirmo que os efeitos são de todo judiciosos; quem nos arrebatará o inferno construído internamente, com tanto afínco e ardor? Que mais bela prova nos daria o Amor de Deus, do que nos ofertando o direito de possuir o construído?

Enquanto minha mãe falava-me, outros impunham sobre meu pai suas mãos, mantendo um pensamento concentrado. Era uma operação energética em boa escala. E meu pai iniciava momentos faciais indeléveis. Em pouco, distendia as pernas, esforçava-se por movimentar os braços, contorcia-se todo, como quem despertasse de longo e profundo sono. Os irmãos, por sua vez, prosseguiram firmes em seus propósitos benfazejos. E quando pôde meu pai abrir os olhos, vi que estavam congestionados, vermelhos, comportando em seu vago poder expressivo, evidência de dores lancinantes recalçadas. Era como alguém que já naufrago perdido se julgasse, levando estampada na face, a imagem dolorosa que no cadáver se revelaria inconfundível. Tive, de novo, vontade de atirar-me sobre ele, chamá-lo, fazê-lo sentir o mais depressa que ali estávamos, que dias melhores o aguardavam, que a sua esposa estava por ele fazendo o possível e melhor. Mas, minha mãe me deteve, dizendo-me:

– Filho, procure saber comportar-se. Dentro em breve estará agindo em prol de encarnados sofríveis, sendo necessário apelar para toda a possibilidade de segurança. Sem calma, sem nervos

controláveis, como poderia oferecer tais serviços? A serenidade é uma conquista do espírito, é um capital capaz de ser posto a prova, em múltiplos empregos, sem nunca desdourar nem falir em seus intentos.

– Mas ele é meu pai... – respondi, querendo justificar minha atitude mental, apenas mental.

E minha boa, minha santa mãe, terminou com minhas razões, dizendo com toda a serenidade imaginável:

– E aqueles que foram por ele feridos, acaso não eram pais, filhos, esposas, irmãs etc.? Então, filho, havemos de querer justiça só para nós?

– Tendes razão... – tornei, arrependido, curvando a cabeça sobre o peito.

– Levanta a cabeça, filho, que todos os problemas o são da vida. Sendo, pois, ela, a razão de ser de tudo, como e por que deverá curvar-se ao mínimo? Ou iremos proceder como os hipernervosos que, em suas angústias íntimas, pretendem ser o fim do mundo no mais comezinho acontecimento?

Ao cabo de minutos mais, meu pai pronunciava uns monossílabos. Quisemos verificar a inteligência dos mesmos. E notamos que estava em seu juízo; mas, completamente afastado da realidade. Referia-se a coisas do mundo material. Foi então que minha mãe falou, chamando-o pelo nome, várias vezes. Isso bastou para que uma nova força nele despertasse. Como enxergava pouquíssimo, girava a cabeça de modo a que o som emitido por minha mãe, lhe apanhasse o tímpano em cheio, facilitando-lhe a melhor observação intelectual. Assim que se apercebeu da voz que tão cara lhe deveria ser, lançou os braços na direção de onde sabia vir, chamando com sofreguidão:

– Angélica!... Angélica!... És tu? Meu Deus!... Onde estás?!...

Minha mãe lhe dera as mãos. De seus olhos rolavam lágrimas em quantidade. E os dois esposos por alguns instantes permaneceram em palestra elucidativa. Minha mãe lhe disse tudo aquilo que em tão curto lapso de tempo lhe fora possível dizer. Depois, disse-lhe de minha presença ali. E meu pai, que me vira no mundo como um cadáver, pois desencarnara eu muito antes dele, estremeceu ao ouvir dizer que eu ali estava. Por fim, disse, indagando de minha mãe:

– E Deus não quer que ele fale comigo?...

Suas palavras pareceram conter um profundo e cortante pesar, razão pela qual sobre ele me atirei, abraçando-o, beijando-o, dizendo-lhe tudo o que me ia na alma consternada e agradecida. Apesar de me ter ensinado a negar a Deus, para mim fora um excelente pai; e se a cada um cumpre ter segundo as obras, segundo como se auto-aplique moral e intelectualmente, porque não procurei eu mesmo, por mim, sondar um tal problema? Não negaria de modo algum a influência estranha sobre a organização do caráter humano; mas o que for possível de relatividade, tanto poderá ser contado pró como contra, quer ao que influi, quer ao que é influenciado. A obrigação é cada qual pensar com o seu próprio cérebro! O dever é ninguém ser a negação do valor inteligente da espécie! E o pai que eu tinha ali era o homem que havia falado contra a existência de Deus, mas, como todos os outros negadores do universo, sem nunca provar nada! E por que deveria eu crer em tanta falta de provas? Em favor de um Princípio do Todo, temos a prova da Criação, prova inconcussa, eloqüente ao infinito; mas, em favor da negação, do ateísmo, do nada, que temos?

Por tais e tão simples elucubrações, eu mesmo deveria descobrir que meu pai nem por si mesmo poderia provar o que me afirmava, quanto mais fazê-lo por mim. Logo, o que fiz foi adorar um diabo por mim mesmo inventado. Como poderia contra um tal inimigo? E por que atirar sobre meu pai a minha culpa? E assim, creio, terão de vir a pensar um dia todos aqueles que quiserem, de um modo geral, imputar a segundos e terceiros o peso de suas culpas. Naturalmente, respiramos todos do mesmo ar; mas, não é certo que cada qual respira por si? Assim mesmo, portanto, somos diretamente responsáveis pelo modo como encaramos os problemas fundamentais da vida, como vemos e ouvimos, aceitamos ou negamos.

Sem dúvida, sei ter sofrido a culpa de ter ensinado o ateísmo. Sem dúvida, sei ter sofrido a culpa de ter sido deísta pelo prisma fanático de um moisaíta arrebatado, perseguidor e assassino. Sem dúvida, a felicidade está no equilíbrio, na ponderação, no meio termo, pois nem o negador eliminaria a Deus, nem o crente poderia modificar-lhe a essência. Para mim, mais vale saber um pouco do que crer muito! E

saber um pouco é fácil, porque toda obra testemunha um autor, seja lá ele como for, esteja onde estiver, tenha feito como tenha entendido ou podido a sua obra! Tal é, agora, a minha concepção.

E como a chamada Criação cresceu de monta com a desencarnação e o esclarecimento no devido tempo, faço do saber o altar e do agir bem a oferenda. Eis minha religião, no presente. De futuro, espero aumentar-me em tais oblatas.

Depois daquele dia, em que me encontrei pela primeira vez com meu pai, quando fora recolhido do seu exílio ressarcitivo, muitas coisas mais se deram, pois que dois anos faz. Dois anos, sim, com seus dias, suas noites, e todos os atributos concernentes, uma vez que a ordem cósmica impera por estas bandas da vida, pelo menos até onde conheço.

Meu pai fora recolhido a uma das muitas casas de reparação. Disso não passam nem é preciso que passem, uma vez que só e nada mais, reparam espiritualmente, moralmente, mentalmente, intelectualmente, e, materialmente em sua natureza essencial. E não se diga que começa do mais material para mais espiritual; em tudo há interpenetração de valores, embora a variação à base de porcentagem, seja um fato indiscutível. É processo reparador, em geral e relativo, aquilo a que é submisso o espírito, quando atirado aos antros abismais, sejam eles de que condições forem. Condições, sim, porque as formas de purgação variam ao infinito e para todos os efeitos. A complexidade da vida aqui aumenta de muito, sendo que o mecanismo da Suprema Justiça, ganha foros indescritíveis, penetrando as gamas mais íntimas do ser, pela cronologia dos feitos, desde os mais remotos dias de sua história consciencional.

Digo consciencional, porque nada sei de quem tenha tido de enfrentar a menor ação praticada como inconsciente, como animal inferior; do mesmo modo, já reconheci casos tremendos e positivos, em que o espírito encarnou, levando no seu pré-traçado programa, o ressarcir faltas cometidas há mais de quinze mil anos antes da encarnação do Cristo Planetário. E eu estive presente a isso, por deferência de amigos de minha mãe, espíritos de alto coturno evolutivo, que como despenseiros dos bens divinos, controlam o movimento dos que lhe são afetos.

Eu vi, a um tal espírito, ser colocado frente a uma câmara de visão retrospectiva, uma máquina fenomenal, e ser a sua história revivida, até alcançar aquela encarnação. Foi ela, depois, focalizada em suas minúcias, para efeito de elaboração de programa, gradativo em suas contínuas e espaçadas contingências, tal como acontecem acidentes na vida de todos, servindo de provas uns, de expiações outros etc. E não pensem que foi um espiritozinho qualquer, um alguém que ainda medre pelo plano do homem médio, do tipo padrão. Foi um dos grandes vultos da história religiosa do Planeta, um dos mais conhecidos mestres de todos os tempos e lugares, um vulto que jamais será banido da história terrícola.

E um dos grandes vultos presentes, verdadeiro filtro do Supremo Chefe Planetário, considerou com simplicidade. Digo com simplicidade, porque aquilo que faria arder os miolos de um cidadão encarnado, sem chegar a fim seguro algum, é por eles tratado, como se fosse a coisa mais comezinha da vida. Elaboração de programa, feliz ou desgraçado, para prêmio de boas ou más ações, para um indivíduo ou para toda a humanidade que seja, qualquer coisa será estudada e aplicada, sem a menor discrepância de qualquer ordem. E ele disse, frente ao mapa de responsabilidades do grande irmão focalizado:

– Assim como se portar o ser para com os seus irmãos, assim se portará para com ele a Justiça *Divina*. Nem um só ceitil da Lei deixará de se cumprir, tal é a disposição intrínseca da própria Lei. No espírito grava-se a história de suas ações, o peso moral de suas obras, aquilo que, mais tarde ou mais cedo, terá de ser revisado, integralmente.

E um outro, que bem se sabia sentir, era-lhe menor em tamanho hierárquico, emendou em seguida, lastimoso, assim como quem considera seus próprios erros:

– E os comercialistas clericais que prossigam forjando truques e prerrogativas absolventes.

E eu imaginei em meus dias de antanho, quando no tempo da passagem de Jesus pelas vielas da carne; senti um calafrio perpassar todo o meu corpo, substancial relativamente a outros graus dimensórios, mas rijo para mim. Revi mentalmente minhas ações nefandas, beleguim de um fanatismo cruel, que era exercitado em nome de Deus! Revi-me ofertando carnes e sangues, tendo tudo isso de crimes em conta de oblatas à custa das quais, viria a merecer o direito e o poder para eliminar do cenário humano Aquele Excelso Filho, que por suas provas evolutivas, elaboradas no turbilhão das duras e

normais provas, pelos mundos siderais, ali estava, manso e humilde, piedoso e sofrido, aguardando da consciência poluída dos irmãos menores... a cruel recompensa.

Eu tinha visto, no mapa histórico do tal mestre, a personagem por ele vivida, de estipulador de tais falsas oblatas. Se nem tudo o que hoje os homens manuseiam é do punho do autor atribuído, nem por isso deixou ele de ser o responsável direto pelo espírito do erro. E ele volveria à carne, por aqueles próximos dias, para, em servindo à Causa do Cristo, nos serviços de restauração do Consolador, de permeio, reparar faltas mui anteriormente contraídas, nos tempos da civilização atlante.

Que meditem os meus amigos no que digo, com simplicidade, para que de suas ações não surjam dores para o próximo. Principalmente, se esse tal próximo for do estofa de um verdadeiro Mestre, porque, então, o peso do crime atingirá cumes fantásticos. Pecar contra a Virtude é doloroso feito! E como saberá o homem, ao certo, onde estará ou não escondido o virtuoso ou o vicioso, depois de ambos se acharem mergulhados num corpo denso? Por isso, sem desprezar o dever de análise comparativa, para efeito de classificação de méritos e valores, digo que o melhor é cultivar aquele amor, aquela tolerância, aquela resignação, tudo aquilo de virtudes de que deu cabal exemplo o próprio Cristo.

Eu disse, atrás, que o Cristo não veio para inverter valores, exigindo primeiramente o acerto total e, secundariamente, o culto do Consolador, da Revelação interplanos; afirmo o que disse antes, que ao Consolador cumprirá enveredar o homem, teórica e praticamente, rumo aos seus mais precisos conhecimentos. Pretender que se encare a Jesus como um exemplificador moral, apenas, é tirar-lhe o mérito da função vivida, por Deus outorgada, de revelador da Revelação tornada pública, do batismo de Espírito Santo. Tornar o homem conhecedor, tal e simplesmente é o dever do Consolador. As realizações de ordem moral, isso é lá com o próprio homem, sendo de seu direito inato, ser absoluto responsável, segundo como vir a saber e praticar.

Por isso mesmo, tendo sido o Consolador barrado pelo romanismo, no quarto século da era Cristã, ao tempo do imperador Constantino, com isso barrou-se ao homem o direito de inteirar-se de sublimes conhecimentos. Tudo isso tendo sido por Jesus profetizado, aconteceu, assim como do século quatorze para cá, está sendo trabalhada a restauração do Consolador.

O segundo capítulo do Livro dos Atos dos Apóstolos; os capítulos doze e quatorze da primeira carta de Paulo aos Coríntios; e A Doutrina Espírita, bem testemunham um só programa elucidativo, tendo por centro de gravidade o intercâmbio entre os planos da carne e do aquém da carne. E como o programa restaurador objetiva um tal relativo informe, que abrangerá ainda um século, a contar do meado do século vinte, eis que cumprirá a todos os homens de boa vontade estudar com serenidade, com simplicidade, colocando o bom senso acima dos interesses subalternos, desses que tudo fazem por cristalizar princípios, desses que da rotina fazem meio de vida, campo vasto para as explorações mais vis. O Espiritismo jamais deverá servir de meio de vida a quem quer, seja a pretexto do que for, tal é o que afirmo, em sã razão. Isso, materialmente falando.

Moralmente falando, o Espiritismo abarca todos os quadrantes de moral já conhecidos, relativamente expostos no curso de todos os tempos. Mental e intelectualmente, fornece elementos para todos os graus de intensidade assimilativa. Filosófica e cientificamente, do mesmo modo, pois impõe-se por graus incontáveis, favorecendo a uns e a outros, imensos campos de pesquisa. Não obstante, por causa dos vícios mentais e de certos erros recalcados, ele mesmo que carrega em si os elementos todos de poder unificador dos credos, fará um grande serviço de desunião, de desagregação, de revolução. No entanto, como o escândalo não poderá deixar de se fazer intrometido nos movimentos sociais em geral, aquele que por ser dono de igrejinhas que tais, o provocador, esse mesmo responderá por tudo o que de prejuízos causar à Causa do Senhor, sem que um só ceitel lhe venha a ser esquecido. Disto, se não olvide cidadão algum, diga-se ou pense-se o que bem quiser. As chaves da Suprema Justiça, não andam nas mãos de mercenários quaisquer, por se poderem arrogar estes, títulos que tais.

Ninguém é ministro de Deus, menos que cumpra seu dever. O dever é segundo as leis da própria vida. Não, porém, segundo os conchavismos de qualquer matiz, de religiosismos estes ou aqueles. Portanto, aparecendo no vasto painel espiritista, como não poderia deixar de ser, estas ou aquelas prerrogativas ou afirmações, ninguém deverá julgar segundo convenções apriorísticas, mas, sim, segundo a melhor lógica possível, o maior liberalismo são. Nenhum homem, já ficou dito na mensagem “CONSOLADOR, O UNIFICADOR RELIGIOSO”, precisará de inventar a Verdade! O dever do

cidadão do universo é, e nada mais, concertar-se com a Ordem Universal! Eis o programa divino, tal como é traçado ao homem. Fora disso, só a dor terá por recompensa.

E não é porque desmanche algo do que é pela Suprema Vontade; é porque prejudica o bem de segundos e terceiros, de coletividades inteiras! E isso, amigos, vem a custar bem caro, muito caro. Entre o homem e as leis, ninguém está, sem ser o próprio homem. Quem, pois, ficaria responsável, sem ser ele mesmo?

Enquanto homem do mundo, vivendo com minha máscara convencional, tinha o hábito de atribuir minhas dores, minhas decepções, aos outros. Hoje, que sei o que sei, das vidas sucessivas, dos feitos bons e ruins, das imensas responsabilidades assumidas, digo que só de uma coisa me lamento – de ter truncado, com minhas atitudes, com meus ensinamentos, com meus fetichismos moisaístas e etc. o progresso de milhares e milhares de irmãos! Santo Deus! Como esta lembrança me aterroriza! Dá-me, Senhor, oportunidade de reparar tamanhas faltas!...

VARIAÇÕES DE TODA ORDEM

Que coisa tremendamente importante é a escala hierárquica dos seres! Que coisa sublime é o estudo das diferenças psíquicas! Como é singular em vida e sensações, um grau estático, embora esteja ele em relação direta com os seus imediatos abaixo e acima, além de ser influenciado por miríades de outros e outros!

Na vida de homem do mundo, já não julgava eu que a vida fosse igual para todos, em suas características emotivas. Cada qual a sente, segundo seu grau de evolução, seu modo de educação, seus gostos mais pessoais. Aqui, como tudo pode se multiplicar ao infinito, para baixo e para cima, para o bem e para o mal, então, o campo torna-se maravilhosamente divinal.

Conheço criaturas, por com elas lidar, de toda ordem relativa, que como eu tem de agir em contato com muitos, por ser trabalhador spiritista. De entre os mais elevados mestres do espaço, aos mais abismados elementos que vivem nos planos da carne, diferenças quase totais subsistem! Quase, imaginemos bem, uma vez que todos os graus se ligam por um liame fundamental, cuja profundidade ultrapassa a capacidade de concepção de quantos conheço. Porém, assim é da escola da vida. Toda essa diversidade, uma tal complexidade, nada mais testemunha do que a grandiosidade infinita da Obra Divina e os meios utilizados pelo Senhor Supremo, como escola franca a Seus filhos.

Os homens, as mulheres, os moços e as moças, os justos e os injustos, os sábios e os ignorantes, os ricos e os pobres, os crentes e os descrentes, todos irão, a seu turno, bater às portas do Consolador, tal como já funciona na Terra. E se encarnados passam como bons os ruins, e como ruins os bons, por lhes faltar os poderes de penetração, outra coisa é o que se dá de nossa parte, o que se passa de nosso lado.

Aqui, também, o Consolador é buscado por falanges de falanges, principalmente pelas de baixo padrão hierárquico, em vista das necessidades prementes de melhora, em todos os sentidos. É Deus, em Sua sabedoria, servindo os espíritos pelo espírito. E como se portam mal umas tantas criaturas! Como são rebeldes certas falanges! Que coisas fariam, caso pudessem! Amigo leitor, quando tu para aqui mudares, com armas e bagagens, terás de sentir o peso ou a leveza das mesmas de um modo tão real, tão simplesmente real, tal como se fora a coisa mais corriqueira da vida cotidiana aí da carne. E por isso mesmo, tu aprenderás a medir tudo, todos os atos, do ponto-de-vista espiritual, sem confundir o espírito com a matéria, mas, também, a solucionar os problemas, segundo o prisma da melhor análise, que é não confundir entre natureza essencial e organização de caráter.

O santo, muitas vezes, está forrado pelo devasso! O filho de Deus, por involução, parece filho da treva! E você terá de ver como procedem os grandes mentores, aqueles nas costas de quem, pesam obrigações administrativas de grande alcance e tremenda responsabilidade. Dir-se-ia, se não estivesse a sociedade astral organizada por partes, por zonas, por graus, por esferas, ser impossível ajuizar sobre a ordem reinante. O emprego da Justiça, para muitos efeitos, é, segundo o sistema terrícola, produto de leis sociais organizadas pelos mentores. O que quero dizer, não é que tenha sido inventado aí ou aqui, nem para favorecer a quem quer, daí ou daqui, como o fazem muitos dos que daqui dão notícias aí, empanturrando tudo de um parcialismo cabotino, como se isto fosse viver e aí morrer, como se aqui tivéssemos inteligência e aí negação da mesma.

Digo e afirmo que, bom ou mau caráter, sabedoria ou ignorância, nunca foram privilégio de quem quer, daí ou daqui. Medram aí vultos nobres, belas celebrações, sentimentos celestializados, ao lado de tantas mazelas, tal como aqui, tomando-se os planos em conjunto. E para gáudio dos encarnados, afirmo sem o menor receio, que aqui não há um só bem-aventurado que não tivesse forjado tal estado no plano da carne! Eis o valor da vida na matéria. Prezai-vos, pois, porque tal é a disposição divina para convosco. Respeitai vossas belas condições, já que ninguém aí está, que tenha ido sem graves compromissos! Não vos confundais, amigos meus, porque a confusão traz o inferno interior, a treva mais dolorosa!

Um dia destes recebemos ordem de abandonar um Centro Espírita, pelo simples fato de terem os seus dirigentes aceito o alvitre de um espírito fetichista, desses que se dizem “pai” isto e “pai” aquilo, recomendando práticas tais e quais, coisas pouco evangélicas e sempre medíocres, tais como formalismos advindos com ele, dos inferiorismos clericais e fetichistas aí da carne, e aqui muito cultivados nas zonas inferiores. Os dirigentes, que foram provados, ao invés de instruírem ao pobre irmão, negando-se a obedecê-lo, prontificaram-se a seguir-lhe o conselho. Como resultado, recebemos ordem de retirada para que os mesmos fiquem com os que escolheram por achar melhor.

Nisso, houve prova para muitos, e um dia haverá recompensa justa. Assim é o programa de instrução. Dado isso, previno a quantos tenham inteligência de entender, pois nem tudo o que vem em nome do Senhor é mesmo do Senhor. Quase todos os grandes crimes da história, foram praticados em nome do Senhor, isso o sabeis muito bem. E o fato de terdes hoje, à vontade, o Consolador por cultivar, não significa que vos tenhais identificado cabalmente com sua melhor expressão, em conhecimentos e em emprego de valores. Homens de todos os matizes, daqui e daí, exercitam o culto do mediunismo; isto quer dizer, sem dúvida, que os méritos do exercício variam ao infinito. Nada, porém, temos ainda de totalmente perfeito!

Não quero dizer, de modo algum, sejam tais mentalidades, desencarnadas, ruins ou francamente perversas, destituídas de boas qualidades. Quero dizer que, ao lado do que podem ensinar, muito falta para bons aprendizados. E se os encarnados agissem com um pouco mais de prudência, haveria melhores possibilidades para todos, principalmente para tais pretensos “pais”, que vivem em ambientes doutrinariamente frouxos, forçando consciências, fazendo estrepolias, à custa do emprego de elementos, de leis, de meios pouco evangélicos. Não quero tirar a ninguém o direito de liberdade de ação; mas afirmo que muitos de tais “pais” nada mais são do que filhos impudicos, ainda, Daquele Senhor que para outros fins conferiu virtudes. E que muitos dos seus seguidores, deste lado, vieram a se achar mal, sendo que muitos, apesar de cultores do mediunismo, perderam na parada, ao invés de ganhar. Tudo, pois, no mundo das relatividades, deve obedecer ao ideal de progressividade, rumo ao melhor, custe o que custar.

Vejam pois, bem intencionados do mundo, um espetáculo como este: homens titulados, médicos, engenheiros, altos funcionários; moças, moços, matronas e homens encanecidos, em pleno bacanal candomblista, pedindo serviços que tais a que tais espíritos em troca de fumo, doces, bebidas, de que os mesmos se apoderam por meio da interpenetração dos corpos fluídicos, tudo em meio a danças sensuais, meneios menos dignos, fumaças e fluídos repelentes. Esse, amigos, o Espiritismo apresentado pelo Cristo no Pentecoste, ou aquele exposto na Codificação?

Tudo é passível de aprimoramento ou corrupção, por parte do homem e no setor que lhe seja afeto, pelo cunho de relatividade.

Neste caso, amigos, cumpre-vos policiar o exercício mediúnico. Conhecer, até mesmo, todas as verdades fundamentais ou essenciais, nada representa como valor de fato; o mérito vem da melhor prática. Em tudo, de qualquer forma, devem prevalecer o ser, a simplicidade e a produtividade. A primeira condição independe de nós; mas para ser simples e produtivos, temos de lançar mãos dos inconfundíveis valores íntimos. Eles são por conhecer, por sentir, por viver. E a conseqüência lógica, é responsabilidade definida perante a Suprema Lei, que do mais profundo do eu se manifesta.

Assim foi que comigo se deu; assim é que sei se passa com outros, ressaltadas as variantes formas e modalidades de purgação. Na essência, porém, ninguém toma do espírito, pela mão ou pela orelha, para conduzi-lo ao lugar de suplício. É o próprio espírito, em verdade, quem se prepara para toda e qualquer finalidade. E é por isso, mais uma vez, que quero protestar contra toda essa saraivada de louvaminhas melosas, nauseantes, que os clericalismos do mundo ensinam, e com as quais pretendem alcançar os favores de Cristo, dos mestres e líderes de todos os tempos, lugares e matizes.

Cada qual é um templo da Verdade que livra; basta se torne um templo limpo, para ser por si mesmo livre, sem o favor de ninguém, mas com o direito de solidariedade de todos os corações nobres. Nem favor faz quem cultivando o Bem e a Ciência se libera, nem tampouco o faz quem, como superior, ensina o que é de sua obrigação.

As religiões mandam adorar, por formalismos e cantilenas laudatórias; a Suprema Justiça pede obras decentes, cumprimento do dever, solidariedade humana! E para quando quereis deixar o abrir os olhos e enxergar por vós mesmos? Até onde quereis ir, falando nos mais puros e cultivando a impureza? Quando deixareis de exaltar tanto a uns e outros, para dedicar-vos mais ao culto dos sagrados patrimônios internos? Por que viveis cuidando tanto da iluminação dos templos exteriores, por atos formais, por gabações a feitos alheios, por louvaminhas a uns e a outros, deixando às escuras, sem brilho, sem cultivo, os vossos próprios valores? Quem possui, amigos, por natureza, mais dons que vós, que nós? E se a diferença é cultivar ou não, por que andais levantando louvores aos ditos santos, aos chamados bons, enquanto deixais vossos altares íntimos sem luz, sem confiança própria, sem práticas divinais? De que valem louvores a estes ou àqueles? Por acaso, amigos, isso vos desculpará perante a Lei?

Se louvaminhas valessem, Cristo não teria abraçado a necessidade de sacrifício próprio! Se exaltações libertassem, não teria dito o toma a tua cruz e segue-me! Se cantilenas fizessem tais prodígios libertadores, não teria prostrado os que adoram com a boca! Enfim, amigos, ninguém encara, por aqui, com respeito, vossas curvações, vossas laudatórias, vossos rituais, vossas sebosas e falsas adorações! Eis a verdade, ainda que vos não calhe bem; estais por ingressar em grau cíclico superior, e, outra conta vos será pedida. É uma conta que abandona exteriorismos e adorações falazes, por prezar o culto do amor fraterno. O tempo, pois, que haveria de gastar em louvar aos vossos santos de todos os matizes, gastai-o em amar-vos uns aos outros, por vos sentirdes a todos como filhos da Vida, do Amor e da Justiça! Quem precisa, de fato, das vossas adorações sinceras, sois vós mesmos, uns para com os outros.

Da parte de Deus, do Cristo, dos santos, não penseis senão isto – que não se moverão, à custa de vossos formalismos vãos, de vossas louvaminhas teóricas! Abandonai, o quanto antes, o vício triste da falsa adoração, que vindes de trazer de outros credos. Amai-vos como a filhos de um só Senhor; amparai-vos sempre; compredeí-vos como partícipes de uma mesma origem, como sujeitos a um mesmo Plano, como votados a um mesmo glorioso Fim!

Faz uns três meses que meu pai me acompanha em trabalhos que pratico, como guia de dois médiuns aí da carne. Como tal, espírito intelectualmente cultivado, apanha ele com facilidade, todos os ensinamentos. Sobe bem e depressa, para o plano hierárquico em que se achava antes de reencarnar. E se falhou, mais deveu isso ao passado por expiar, do que mesmo por incompreensão no presente. Afinal, eu e ele, tivemos agravos no culto dos exteriorismos religiosistas e nos exclusivismos sectários. Tal como truncamos a evolução nos outros, assim nos impôs a Lei de Equilíbrio Universal!

E vamos ao caso. Uma senhora, assistente do Centro Espírita onde trabalhamos duas vezes por semana, pediu por alguém de suas relações, já desencarnado há bem tempo. Um pedido de informe, desses tão comuns e louváveis. Mas que, em verdade, muita vez, termina para pedinte daí, continuando-se em programas aqui, onde nada deixamos, nem podemos deixar de lado, desde que contando com o beneplácito da Lei.

Eu e meu pai fomos localizar o tal irmão, três dias depois, em lugar bem interessante, do ponto de vista do mecanismo da Lei de causa e efeito. Estava ele em vastíssima planície sem fim, parecia, mas toda inçada de grotas e rochas, pedras e pedreiras, areais e sol escaldante. Com ele, estavam mais três, e tudo o de que tratavam era fugir daquele lugar infernal!

Suarentos, cansadíssimos, enferidados, barbudos, famintos, desalentados, saltavam e ressaltavam as mesmas pedras, davam voltas em torno às mesmas grotas, repetiam os mesmos caminhos, elaboravam os mesmos planos. Nunca, porém, saíam do mesmo sítio. Ali, sempre ali, como que atados por invisíveis mas tremendos liames de variada ordem!

– E dizem que o Dante sonhou!... – murmurou meu pai, profundamente compungido.

– O senhor sabe como fazemos para que o encarnado pense a nosso gosto, embora se julgue dono das idéias. Um dia, os encarnados compreenderão que o panorama mediúnico é muito mais vasto do que

imaginam. Ouso dizer, mesmo, que muitos inspirados e intuídos da carne servem-nos com muito mais precisão do que aqueles que nos emprestam seus corpos. Isto, porque uns nos oferecem o seu campo mental em certo ângulo de sentido, enquanto outros, fornecendo seus corpos, ou o mecanismo vocal, fazem-nos sofrer a falta de adaptação mental, o choque de fluídos, a natureza das radiações, as divergências de ordem moral etc. Os chamados gênios, os grandes artistas, os predestinados de qualquer matiz são médiuns em grau mais sublimado, embora falhos ainda, possivelmente, em outros ângulos da organização...

E iria além em minhas divagações de caráter pessoal, não fosse tal irmão penoso ter um repente nos ouvidos.

– Quem está falando aí?... – indagou ele, volvendo o rosto trágico para o nosso lado, sem nos ver.

– Quem vos quer auxiliar! – gritei-lhe.

– Onde está escondido?...

– Em parte alguma... Sou um invisível...

– Assombração!... Assombração!... – disseram os outros, procurando fugir do local.

– Parem! Parem!... – bradou-lhes ele, firmemente.

Volvidos os outros, tornou ele a nos indagar:

– Que quereis de nós? Como podereis nos auxiliar?

– Somos espíritos benfazejos... Uma vossa parenta, ainda encarnada, pediu em vosso auxílio e, como há da parte da Lei disposição em vosso favor, eis que viemos vos procurar. Quereis nosso amparo, irmãos?

– A misericórdia de Deus baixou sobre nós? – disse ele, iluminando os olhos embaciados, por um momento.

– Sim e não – respondi-lhe, dadas as minhas novas concepções.

– Então... Então... – fez ele, duvidoso.

– Deus não é desaforo nem favorista, caros amigos; basta de apelar para Seus favores e temer Seus desaforos. Tudo quanto se passar com Seus filhos já conscientes representará e nada mais, o produto de disposições internas. É assim que age a Suprema Lei. Não vem de fora, mas sim, representa apenas o fiel do equilíbrio. Quem discrepa em si o faz, bem como quem com ela coordenar internamente o fará. Negativa ou positivamente, todo e qualquer acontecimento de ordem moral, de ordem interna sempre o será. Logo, nada há para subir ou descer na Justiça Suprema.

– E como viemos parar nestes sítios?... Nossa fé em Cristo estava acima de todas as cogitações!...

Levei em conta que deveria lhes falar; mas que deveriam ver-nos. Sabia que a Lei com eles já estava, para um tal efeito e, por isso, disse-lhes:

– Responder-lhes-ei, amigos, com provas de fato; mas agora procuremos ver-nos uns aos outros.

– Como fazer?!... – disse um deles, um homem magro e assustadiço.

E fizemo-nos visíveis, num lance de vontade, eu e meu pai. Isso bastou para que viessem a nós, precipitadamente. Nossos aspectos não poderiam jamais os tornar duvidosos de nossos caracteres.

– Eis como fazer! – disse eu ao tal homem, abraçando-o fraternalmente.

– Sois uns anjos de Deus! – disse ele, comovido.

– Sabeis o caminho para sair daqui? – falou um outro, em cujos olhos brilhavam lágrimas de contentamento.

E o tal homem, móvel de nossa ida a tal local, por via do pedido daquela irmã já citada, interrompeu toda e qualquer conversação, dizendo:

– Gostaria, amigo, que nos dissesse qualquer coisa sobre nossa vinda para este lugar penoso. Disse que nos daria provas de fato...

– E não tendes a prova no fato? – interpelei-o.

– Sendo desencarnados e estando aqui, deveis saber que Deus, por disposição natural vinculada ao filho, assim dispôs. Do contrário, amigos, seria erro da parte do próprio Deus. Nem vos creio capazes de tal imaginar.

– E a nossa fé em Jesus?... – argumentou um outro, vivamente.

– Tudo é relativo... E a fé sem obras é morta, meu irmão. Disse que tudo é relativo, porque o valor da fé, em sua relatividade, não poderá ser negado; porém, um fator é apenas um fator e não todos os fatores...

– Que fizemos de crime, então? Apenas aquilo que todo e qualquer cidadão do mundo poderá fazer. De resto, senhor, pregamos a Jesus como único Salvador, em nossas palavras e em nossos atos!

– Então – objetei – a Justiça Divina cometeu o seu primeiro erro, ao tratar de vosso caso, ela que age do interior para o exterior?

O homem fez um gesto de dúvida, moveu os lábios e disse baixinho:

– Não digo isso... Mas...

– Bem – prossegui então – bem, digo-vos que sei de vós o suficiente para falar com conhecimento de causa. Antes de vir buscá-los, sondei-lhes os documentos em vossos planos de vida, antes de encarnardes. Li de vossas vidas, de vossas condutas etc.

– Então – atalhou um outro, que ainda não havia dito coisa – sabe que fizemos muito pela Reforma luteranista?

– Sei – respondi resolutamente – que lutaram muito pelo sectarismo luterano; sei que muito fizeram por vossas mesmas convicções. E sei que, por isso mesmo, o erro apareceu em vossos feitos.

– Estou basbaque! – balbuciou um dos presentes, entre dentes.

E fui prosseguindo, na consciência do que sabia, por lhes ter lido uma espécie de folha de corrimento, nas devidas regiões correspondentes:

– Pregastes a Jesus como único Salvador; mas Jesus ensinou que cada qual será o seu próprio Salvador, pelas obras que praticar para com o próximo. Dissestes aos homens que, se não vos aceitassem as afirmações, estariam perdidos eternamente. E por um desses complexos da alma inferior em evolução, chegastes a sentir prazer na perdição de muitos de vossos irmãos... Quereis dizer que estou exorbitando ou que a Suprema Lei tenha se enganado?...

Os quatro baixaram suas cabeças. E procurei animá-los, pois eram irmãos, eram lutadores, eram idealistas. Tinham errado num campo onde trilhões de trilhões já erram, onde errarão, onde eu mesmo tinha chafurdado tristemente.

– Levantai vossos ânimos! Sois filhos da Luz! Um grande dia vos espera!

E o principal deles, para nós, tendo levantado levemente o rosto, olhou-nos com algum pesar, para logo dizer:

– Verdadeiramente... Mas, creio, esse crime vive sendo repetido por séculos, por gerações e gerações... Jesus não disse tudo, não poderia dizê-lo de modo algum em tal tempo, e deixou dito que deveríamos amar a Deus de todo o coração e com toda a inteligência... Onde estará o homem capaz disso, no mundo de homens de carne e ossos?...

Meu pai soltou gostosíssimas gargalhadas, tendo ido pela primeira vez falar a um deles. E disse em seguida:

– Se soubessem que de coisas existem aquém da morte!... Que de tremendos abismos concepcionais! Que de torturantes lacunas!...

– Que faremos?... – perguntou-me o homem, duvidoso de si mesmo, descrente de seus merecimentos.

– Não vos disse que tudo é relativo? Pois se recebestes o prêmio do erro, como não receber a recompensa das virtudes exercitadas? Por acaso só serão contados os ceitis negativos?

– Então...

– Demo-nos as mãos, amigos... Isso!... Agora, pensemos em Cristo...

Dentro de segundos estávamos bem longe daqueles sítios angustiosos. Fiz questão de levá-los a pé, pelos arredores da cidadezinha onde começariam a trilhar a vida melhor. Atravessamos pomares e jardins, onde o aroma dos frutos e o perfume das flores embriagam de suave espiritualidade.

– Parece a terra divinizada! – disse um deles.

– Quem diria que o céu seria assim? – considerou outro.

– E quem disse que podeis falar em nome do que esteja para baixo e para cima? – interveio meu pai.

Já haviam eles comido dos frutos do local; já haviam aspirado o perfume enlevante das flores; já haviam observado a plumagem das aves esbeltas e felizes. E ao depararem com uma fonte, quiseram beber de sua límpida água. Todo caso, alguém tinha ali fincado uma cruz, em cujo braço havia esta legenda:

“Símbolo da necessidade de sacrifício próprio”

E um dos protestantes quis orar, pondo-se de joelhos. Os outros o seguiram. Eu e meu pai nos conservamos de pé, pois somos dos que crêem mais nas ações nobres em memória do Senhor, do que daqueles que se dobram muito, mas fisicamente, para o Senhor.

E seja lá como for, ainda estando eles a adorar segundo modo e gosto próprios, uma voz forte como um trovão se fez ouvir, dizendo:

“Benditos os que adoram em obras de amor!”

E tendo todos nós volvido os olhos para o lado de onde veio a voz, vimos que uma como estrela muito brilhante se formava, tendo o centro cristalino, e de tal modo intenso, que não se lhe podia encarar. Depois, desfazia-se em belíssimas cores, prolongado-se o brilho e a influência. Por fim, foi subindo, subindo, subindo... E sumiu-se nas aparentes alturas siderais...

Os quatro protestantes, então, perguntaram-me, quase que simultaneamente, como se alguém lhes tivesse imposto a idéia:

– Qual seu credo?

– Por cultivo, o Consolador... Por Religião, o Amor... Por Ciência, a investigação sem prevenção... Por Filosofia, cogitar de tudo tendo por base a melhor e mais pura consciência da paternidade de Deus... Por Moral, respeitar o mais possível o direito alheio... Por Justiça, o respeito pelas necessidades fundamentais e inalienáveis...

– Como cultivava o Consolador?... – interrompeu-me um deles.

– Dentro de dez horas mostrar-vos-ei; quero conduzi-los a uma sessão de Espiritismo. Ali, então, lembrai-vos do Pentecoste, daquele batismo de Espírito, para o qual cumprir foi à carne o Cristo, e por cuja solvência mereceu dos irmãos menores tudo aquilo de que já sois conhecedores, sem dúvida.

– E eu que fui tão avesso ao Espiritismo! ... – comentou um deles.

– Não vos preocupeis com isso... Eu fui um dos crucificadores de Cristo... Tinha a Moisés na conta de tudo, de completo, e...

– Mas Moisés profetizou sobre Jesus!... – atalhou um deles, vitorioso.

– E Jesus foi crucificado por legar um Consolador! – emendou meu pai.

E outra vez uma voz se ouviu, dizendo:

“E será o confraternizador das gentes, na Terra e nos planos erráticos!”

Desta feita, porém, vimos a quem falou; era aquele mesmo alemão batalhador, que amava a melhor verdade que conhecia, e que no século dezesseis, avançando sobre o que já haviam feito Joana D’arc, Wicliff, João Huss, conquistou, para milhões de irmãos, o direito de pensar melhor e livremente, sobre as verdades ensinadas pelo Cristo, preparando caminho para novos surtos no porvir próximo, quando a grande eclosão mediúnica revolveria de modo violento o pensamento humano.

Os quatro protestantes olharam com carinho invulgar para aquele vulto simpático e aureolado em luz. Aproximaram-se dele e falaram-lhe com liberdade. E ele falou com simplicidade, tendo dito mais ou menos:

– Somos falanges de seres que trabalhamos por concretizar no mundo as profecias do Senhor. Muito ainda resta a fazer, principalmente no campo da Religião, que é um dos que mais separam os homens irmãos entre si. Como lamento que, em nome de um Pai de Amor e Justiça, tantos crimes sejam perpetrados no mundo, quer lá na Terra, quer aqui, onde, nas zonas inferiores, coisas incalculáveis se passam!

Minutos depois, a simpática figura despedia-se e partia rumo aos seus afazeres de grande chefe de serviços.

E nós rumamos para o departamento competente, onde os quatro novos irmãos ficariam inscritos, para fim de serviços. Depois disso, despedimo-nos, eu e meu pai, deles, tendo partido para novos rumos, sempre dentro desse imenso plano geral, tão mal compreendido pelos homens, que tudo querem particularizar, e particularizando entregam-se à dor.

Afinal, até quando viverão os homens, encarnados ou desencarnados, separando-se no que não deviam, por questões subalternas? Que coisas são os convencionalismos humanos? Por que trair o superior em benefício do medíocre e infernal? Onde a razão para, em nome da cor, da raça, da crença, da posse etc., investir como feras contra os ditames da mais terna e pura fraternidade?

COISAS DA VIDA...

Havia eu prometido aos tais amigos mostrar-lhes como praticava o Consolador, dentro de dez horas. Por isso fomos, eu e meu pai, buscá-los no momento aprazado. E os conduzimos para o Centro onde, sabíamos, a tal senhora iria, pois um amigo havia sido encarregado de inspirar-lhe tal desejo. Portanto, pelas oito da noite, entrávamos casa adentro.

O salão do Centro comporta pouco mais de cem pessoas encarnadas; mas para o mundo desencarnado, dadas as disposições de serviço, e da Suprema Lei em vista disso, as paredes nada representam. E milhares de seres ali se achavam, os mais responsáveis controlando, os mais precisantes de um lado, os menos de outro, os endurecidos bem mais longe, os grandes arredios presos, amarrados etc...

- Eis um Centro Espírita! – disse-lhes eu, mostrando-lhes o ambiente em geral.
- Que coisa interessante! – murmurou um deles, olhando significativamente para os outros.
- Quem são esses luminosos seres? – inquiriu um outro, observando os chefes espirituais da casa.
- São os guias do Centro, amigos, trabalhadores de nosso plano. São os *demônios*, como vós dizeis.

Riram-se e o mesmo amigo perguntou de novo:

- Por que temos aqui gente presa, amarrada etc.?
- São pobres endurecidos, grandes criminosos etc. Porém, filhos do mesmo Pai de Amor e Justiça. São seres que já estiveram nos baixios e, agora, aos poucos, contando com as orações, as prédicas etc., vão se tornando cada vez mais doutrináveis, como dizem os amigos da carne.
- Os encarnados sabem que isto é assim? – perguntou um outro.

– Imaginam qualquer coisa. Todavia, existem videntes e médiuns, ou profetas, de faculdades tais, que muito conseguem saber sobre as coisas destas bandas da vida. Alguns missionários encarnados, durante o repouso do corpo, dispõem mesmo de grandes franquias por aqui. E outros há, que conheço, dispondo de faculdades que lhes permitem, em certos casos, deixar por gosto os corpos e vir agir aqui, no sentido desejado e preciso.

Todos ficaram silenciosos, depois dessa conversação, em vista do início dos trabalhos. Como havia falado aos chefes, foram os quatro situados em lugar que diríamos preferenciais, para como visitantes que eram, poderem assistir do melhor modo aos trabalhos.

Notei, de minha parte, que nenhum deles se dispunha a reparar nos encarnados ali presentes. É que não alcançavam ver o que deles se desprendia, nos momentos de mais firme concentração, quando o presidente convidava à oração, a bem de algum sofredor. Por isso, fui colocar minha mão sobre a cabeça de um deles, aumentado-lhe o poder de penetração psíquica. E o homem pareceu estranhar o que se passou depois disso, tendo-me agradecido.

Depois, propositalmente, fui colocar a mão sobre a cabeça nevada daquela que por um deles havia pedido, tendo beneficiado a todos, por ser tempo, ou por ter ela servido de móvel ao Supremo

Poder, que sempre assim age. E como eles reparavam muito nos meus movimentos, atentaram bem para a mulher aureolada por tênue coloração verde-claro. E o tal irmão, pondo bem os olhos na mulher, pareceu perturbar-se. Quis, bem o notei, vir para junto de mim e dizer-me qualquer coisa. E por isso o chamei. Ele veio e, chegando-se bem para perto, disse:

– Parece-se com uma irmã que devo ter deixado no mundo... Devia ter ela uns trinta e cinco anos quando desencarnei... Seria mesmo?...

– Ela foi que pediu por vós... Por lembrança dela fui procurá-los...

Dos seus olhos rolavam fartas e felizes lágrimas. E eu lhe ensinei a por a mão direita sobre a cabeça da mana encarnada e orar, para que ela sentisse do melhor modo a sua presença ali. De fato, mal começou ele um fervoroso Pai Nosso, que bem sentia eu ser essa a oração, pela emanção inteligente das ondas emitidas, quando ela sacudiu-se toda, despertando para outra forma de pensar. Dela é que partia, logo mais, fochos de suave luz para o irmão desencarnado. E os dois mantiveram, assim, uma eloqüente e surda troca de divinos pensamentos. Houve momentos em que todos ficaram olhando para tão belo quadro! É que um amor de irmãos os unia, naquele momento; é que acima de um puro sentimento de amor, nada parece existir de mais importante, de mais divinizante!

REGRESSANDO

Com o término de uma sessão dá-se uma debandada no setor dos encarnados, embora um certo número fique, muitas vezes, comentando este ou aquele feito, esta ou aquela expressão. No setor espiritual, no entanto, tudo cresce de monta, por ser o número de presentes, muito acima do calculado pelos encarnados.

Como tal, com o terminar dos trabalhos, reunimo-nos os seis, de novo, eu e meu pai, e os quatro protestantes. E um deles, quando eu menos esperava, disse:

– Pois estive o tempo todo fazendo um confronto!

– Que confronto?

– Um confronto entre o que via e o grande acontecimento de que trata o segundo capítulo do Livro dos Atos. Somava tudo, para repor o grandioso feito; queria saber o que estaria ocorrendo, no momento, no mundo espiritual, enquanto os espíritos falavam, pela boca dos Apóstolos, em diferentes línguas, a todos os estrangeiros ali presentes, como diz o texto.

– Não esqueçam que o número não era de onze médiuns; muita gente mais foi tomada de espírito. De muitos corpos mais se valeram os emissários do Divino Mestre, para poderem falar aos encarnados.

– Uma vez compreendido o espírito do feito, que importa o número? Hoje, suponho, milhões de homens e mulheres emprestam seus corpos para que os espíritos falem aos encarnados, segundo promessa do Cristo. No entanto, outros milhões de homens e de mulheres, que fazem?...

– Julgam sem saber, afastam-se por inconsciência do dever, maldizem por despeito sectário, desconhecem por incúria etc. Isso, nada mais do que isso – foi a emenda de meu pai.

– Mas com o concurso do tempo... – disse alguém, que não sei bem quem fosse.

E havendo-nos despedido dos chefes espirituais da casa, partimos, tendo eu prometido ao tal irmão daquela velhinha bem espiritualizada, um encontro com ela fora da carne, para dias depois.

Em verdade, mais o fiz por ela do que por ele. Eu já sabia que ela deixava o corpo bem disposta espiritualmente, pois nutria grandes convicções espirituais e a matéria havia cedido campo aos melhores impulsos do espírito enobrecido. Por isso, fui buscar somente ao tal irmão, tendo deixado os outros, que lhe eram bem menos avançados em hierarquia. De fato, este irmão, pelos valores acumulados em outros tempos, logo despertaria para grandes alturas.

– Vamos, pois do contrário outros a irão buscar para auxiliar em certos trabalhos – disse-lhe eu, assim chegado à região onde os havia abrigado, de ordem superior.

E num piscar de olhos, ali estávamos, ante um corpo sem dono. Onde teria ido? Todavia, colocando a mão sobre a testa enrugada, convoquei-lhe a presença. E ela apresentou-se, tendo eu lhe dito que não tomasse conta do corpo, pois alguém ali presente desejava falar-lhe.

– Pois que fale. Tinha ido ao recinto do Centro onde sabe que sempre trabalhamos.

– Sei disso, adorável amiga; mas este cavalheiro deseja falar-lhe. Atenda-o com brevidade, que de amores por si, esta quase a desmaiar...

– Oh!... Deus!... – foram as primeiras exclamações, assim que os dois irmãos se reconheceram.

Um, sustentava ainda os traços vinculados pelas dolorosas provas, naqueles sítios onde o fôramos buscar. A outra, mantinha no corpo astral a forma do mui gasto físico que ainda carregava pelo mundo. No entanto, as radiações da velhinha deixavam-no longe em profundidade hierárquica. E eu os deixei a sós; aqueles dois irmãos, já estava traçado em certo plano da vida, muito teriam em futuro próximo por fazer. Eram dois grandes trabalhadores do passado, envoltos nos meandros evolutivos do planeta; de séculos que vinham semeando e colhendo, ora melhor, ora pior, mas sempre avançando nos campos do saber, sempre iluminados por uma chama ardente, por uma força íntima, que lhes norteava os passos rumo ao ideal perfeito.

Pela madrugada, voltei para levar comigo ao tal irmão. Despediram-se os dois espíritos, alegres ao extremo, convictos da grandeza do ideal esposado. Tendo-o deixado em seu plano de habitação, singrei o éter rumo à minha região, onde meu pai devia estar à minha espera, a fim de dar cabo de certos afazeres.

Assim é, pois, amigos, a vida de um ex-ateu; gozo a espiritualidade sadia, o prazer divinal, fazendo o que faço. Por determinação Suprema, que me vem pelos chefes superiores, preparo campo para o reencontro entre os filhos e o Pai Supremo, entre amigos e amigos! E agora, permitam-me dizer, a esse Pai de Verdade:

– Que mais, meu Pai, meu Alicerce, poderia desejar um filho que Te negou? Ao amigo da morte, apresentaste a Vida. Ao amigo do nada, deste o Todo por casa. Ao que espargia a prostração moral, deste o esplendor dos nobres ideais! A quem imaginava um fim, presenteaste um eterno começo! Deixa-me, pois, dizer aos peregrinos da carne, e aos trevosos que pairam nos abismos erráticos, que a Verdade que És Tu, paira acima do cogitar dos homens insensatos!

E a vos outros, amigos e confrades da carne, apelo no sentido de culto o mais moralizado e científico possível. Nada de fetichismos, de idolatrias religiosistas!

Fazei a Religião Pura! O Espiritismo, que é o Consolador restaurado, não deve andar em justaposta condição com as mediocridades religiosas do mundo! Ele foi mui caramente pago pelo Divino Mestre!... Para que houvesse um batismo de Espírito, foi preciso que uma cruz se banhasse em sangue inocente! Prezai o custo de vossa herança!...

PELA ORDEM CRONOLÓGICA

Amados amigos, pela ordem cronológica das sucessivas Revelações, o Espiritismo significa o ponto mais avançado. No entanto, não é por esse crivo que deveis considerá-lo. É pela sua essência realista, pelo seu fundo moral, científico e filosófico, e, acima de tudo, por ser prático, por ser experimental. Deveis, tendo em vista tais fatores, compenetrar-vos do seu imenso poder de influência social em geral.

Quantos milhares de anos vos separam dos Vedas? Para cima de oitenta mil, segundo bons amigos destas regiões. Em seguida, os Budas, Rama, Krisna, Hermes, Zoroastro, Moisés etc., etc. No entanto, amados amigos, quem derramou sobre a carne um ESPÍRITO INFORMANTE? Quem precisou de ser primeiramente martirizado, para depois cumprir tão grata promessa?

Não vos perturbeis com o que dizem os filhos da corrupção doutrinária! Aquele Espírito Santo, de cujo batismo fala bem o segundo capítulo do Livro dos Atos, não será detido pelo muito de falta de brio que comportam as religiões humanas, idólatras, fetichistas, rotineiras, exploradoras e politiquieras! Um Poder Supremo ordena em contrário, e só resta que o cultiveis em Pureza e Sabedoria.

Rememorando tal dia, crescida a Jerusalém das raças e dos povos, e fundindo em um só amplexo divinal, o Consolador vai abrangendo a Terra inteira, por falar a todos a linguagem de confraternização. Naquele dia, não houve aceção de raças, de credos, de cores, de bandeiras, de nacionalidades etc. Uma só VERDADE para uma só HUMANIDADE! Compreendeis, pois, a significação do Pentecoste?

Considero sobremodo o tempo presente, época de transição, de violentos choques, onde os menos avisados perdem a noção dos fatores e, não raro, lançam-se pelos abismos, segundo a voragem dos vícios, das corrupções em geral. Quero, por isso, lançar meu apelo, precisamente quando um novo marco a Terra está transpondo, rumo aos seus melhores dias.

Quis falar aos velhos, aos moços, às crianças. E falei, mercê de Deus. Já disse que não adiantam negações nem fanatismos. O que vale é saber e praticar ainda melhor. A Suprema Lei, que é íntima a tudo e todos, não se move por pieguismos que tais. Nem se nega com a negação de quem quer que seja. Dei-vos, pois, o exemplo vivo, tangente e imortal. Este lado da vida está abarrotado de tais testemunhos! Não formeis, portanto, na fila dos proscritos!

Deus é em tudo e todos o CENTRO GERADOR, onipresente e onipenetrante. Amai a tudo e todos, com inteligência e bondade, para poderdes aplicar bem a vossa liberdade pessoal. Eis aqui, amigos, a grande questão.

Quem sabe aplicar bem a sua liberdade pessoal? É preciso que o espírito cresça o suficiente, em Pureza e Sabedoria, para fazer de si mesmo a melhor aplicação. Depois disso, classificará bem os elementos em geral, a fim de utilizá-los. Só assim não praticará asneiras. Só assim fará uso decente de tudo e todos. Só assim honrará bem ao que é igual em Origem, em Plano e em Finalidade.

Quero, pois, terminar. Mas quero fazê-lo à custa de um trecho da mensagem: “CONSOLADOR, O UNIFICADOR RELIGIOSO”. Quero reproduzir um grande aviso, quero passar avante uma prece que vale por um programa de vida, na Terra e em nossas regiões, onde humanidades vibram, lutam, anseiam,

evoluem e oram o cântico da UNIDADE entre Deus e o que é Seu – a chamada Criação, que para nós é Emissão Divina. Eis o trecho:

“Como vês, espírito amigo, um outro impulso move o mundo humano, desde Joana D’Arc no sentido de restauração do Cristianismo e unificação dos credos. É a idade cíclica quem pede contas aos fatores históricos, sendo que estes reclamam ao homem melhores e mais avançados conhecimentos. A Terra, meu irmão, carece de reformas profundas, de revigoramentos, de períodos em períodos. E os últimos cinco séculos distinguem-se pelo conteúdo evolucionário mais potente jamais vivido ou imaginado. Tudo o que era só local toma caráter universal. Tudo o que os grandes vultos, os Vedas, Rama, os Budas, Moisés, o Cristo, disseram empiricamente, deve ser dito e provado de modo prático.

A era do falar na Verdade já foi; a era nova reclama o ver, o viver a Verdade. O tempo que compreende de cinco séculos para cá, no seu espírito de renovo, nada mais faz que preparar campo para as sortidas mais grandiosas, para a grande unificação religiosa, que se processará nos milênios próximos. E é por isso que te dizemos, para que compreendas o *porquê* de tantas e sucessivas manifestações do plano astral, baldeando para o recesso humano, conhecimentos profundos, práticos, vigentes, reais. É por isso que se diz ao homem encarnado que, em qualquer plano de vida, na carne ou no além-carne, a função de viver é parte integrante da própria Verdade. Que se processa em condições normais. Que não deve imaginar em planos milagrosos, misteriosos, porque o céu ou o inferno jamais estiveram fora do próprio homem, jamais foram alheios ao homem.

Queremos, espírito amigo, que o homem se compreenda como funcionário de Deus em Deus, onde quer esteja, honrando a função, para o único serviço imortal, que é a autoglorificação. Basta de viver na Terra como se fosse um degradado! Chega de querer comprar o céu externo por meio de fraudes, de sacramentos mentirosos! Levanta-te em ti mesmo, nas ações sociais diuturnas e forja o céu com o vigor da Verdade expressa, através de obras dignificantes.

A Verdade é Deus. O homem é Verdade, por ser emissão divina. Viva o homem a Verdade em si, no culto de si em Deus e de Deus em si, que tal é a norma redentora. Fora da CONSCIÊNCIA DA UNIDADE tudo é falso, entenda quem puder! E o que transmito é recado de miríades de grandes e insígnies vultos, numa conclamação unitária e feliz, num convite à elaboração do céu interno. E todo e qualquer ato humano, que concorra para a emancipação interna do próximo, será tido como a maior oferta a Deus, no Santuário de Sua Essência, que é o íntimo de tudo. Ama-te, pois, no teu irmão! Deus é AMOR e a lei é amar.

A tua prece, portanto, deverá ser prática, precisa, vigorosamente realista, tal como o é Deus em ti, a Vida em si, o céu interno, a mais premente e augusta necessidade; a tua oração deve ser o pensamento do trabalhador, do artista, do cientista, do verdadeiro crente, que é ação local e necessária, no âmbito do infinito e eterno movimentar. Porque, em triste mister, labuta todo aquele que desconhece a necessidade de ação presente, imediata e necessária. Um elétron ou um grão de areia, um homem ou um planeta, um sistema ou uma galáxia, todos o que devem fazer é desempenhar a função devida. Nada mais. E para isso fazer, meu amigo, preciso é te compenetrar dos fatores locais e da própria função. Se o que é matéria o não faz, por ser inconsciente, por qual razão poderá deixar de o fazer o homem?

O homem está tão incrustado no céu, o quanto o céu o está no homem. Basta de antropomorfismos! Basta de mentiras teológicas! E por isso, quero que ores no plano real da vida de relações. Tu, o teu próximo, tudo o que te for essencial à vida e à edificação, são presentes e locais. O espírito sofredor, o atado, o órfão, a viúva, o doente, o nu, o faminto, são lições de vida. Por que queres ficar nas salas de aulas e pensares no estudo, na lição que ali não seja ministrada, que ali não venha a ser ensinada, coisa ficciosa e alheia ao meio e às tuas necessidades? Amigo, aprende na vida a ser prático. Aproveita o tempo de estadia na sala de aula, que é o viver onde a Divina Providência julgou acertado e necessário. Não te furtas ao dever, pensando em céus estranhos e longínquos, milagrosos ou misteriosos, vindos por meio de formalismos dos homens!

Tantas vezes volverás à carne, quantas vezes traíres o mandato para com os irmãos em geral e necessitados em particular. Porque a Providência te colocou no lugar preciso e devido. Um espírito é um aluno; uma condição é um ensino necessário. Que importa vós a um culto religioso qualquer, se não atenderes primeiro e acima de tudo ao irmão que geme, que precisa de tua solidariedade? Que é religião,

afinal de contas? É fingir diante de Deus e dos homens? Pois se és templo de Deus, como tudo o é, adora a Deus no bem fazer aos teus irmãos. Essa é a norma que te ensinou o Divino Modelo.

Quero que vivas esta oração, no envio de ondas mentais, no raciocínio, no trato com os semelhantes. E ela te fará iluminado, feliz, triunfante, porque é a própria vida em execução, é a função maravilhosamente exposta. Em outros tempos, outros missionários ensinaram grandes orações, modos de aplicação do poder mental. Mas isolaram o homem de Deus, como isolaram Deus de Sua Obra. Um crime, um grande crime, portanto. Eles ordenam, eles querem que deixes tais ensinamentos, tais erros, tais crimes. Querem que vivas em Deus do mesmo modo que Deus vive em tudo que é Seu. Ora, pois, assim, compreendendo o espírito da prece, e não a forma material:

PRECE

“SAGRADO PRINCÍPIO. No Santuário de Tua Divina Essência, que é no íntimo de mim e de tudo, Te adoro como Vida, Amor e Justiça. Como em Ti tudo é, tudo vibra, tudo evolui e palpita, em Ti vibro, Senhor, no desejo de saber, de despertar-me para as supremas realizações.

Em Ti, Deus, apelo para todos os poderes da Vida, para todos os seres benfazejos. Quero cooperar no movimentar infinito, o eterno de Tua Obra. Quero auxiliar o despertar dos meus irmãos, quero torná-los mais felizes, mais sábios, melhores.

Em Jesus, Senhor, depositaste o Poder Diretor do Planeta. E, no Teu despenseiro fiel e prudente, quero espelhar-me, para que as minhas ações sejam a glorificação da existência. Na escola da Vida quero aprender e ensinar, assim como é lei Tua e fundamental. Quero crescer em Ti, no âmago de mim mesmo, onde És o fundamento. E quero o amparo das falanges, das legiões celestiais, dos espíritos misericordiosos.

Desperta, Deus, nos homens, o sentimento de Tua Unidade para com eles, para com tudo o que é Teu. E os homens aprenderão a saber e a amar em Verdade. Eles Te sentirão como Pai, e Tu serás amado em tuas obras. Acende nos homens, o lume da esperança laboriosa e construtiva, da consciência que age e edifica para a eternidade.

Em Jesus Cristo, apelamos aos Teus Mensageiros esclarecidos, no sentido de apoio às nossas aspirações divinas. Aos guias de todos os tempos, pedimos a assistência aos quebrantados de ânimo, aos que se debatem e pranteiam, aos que gemem nos lugares de dor, de provas e de expiações.

Senhor! Esparge por sobre a humanidade, a ação dos Mensageiros do Amor, da Paz, do Saber, da Saúde. E os Teus filhos acordarão para um novo ciclo, para uma Era melhor, para um dia de mais luz.

Aos que pedirem a assistência dos guias e dos médicos, para os corpos e para os espíritos, dá que sejam servidos e fartos. És a Fonte perene de todos os bens. Em Teu Nome, Senhor, que os guias da humanidade semeiem as curas, a paciência, o perdão e a tolerância.

Aos que pedirem a fluidificação de águas; aos que pedirem, como o pedimos nós, um sono reparador, bons sonhos e felizes companhias astrais, fazei que isso tenham. Dá-lhes um bom dia, uma boa noite, muito bom senso, saúde e trabalhos santificantes. A vida é uma graça para quem a viver bem.

E agradeço-Te, Senhor, o ter podido pensar bem. Apelo ao Divino Mestre e às legiões esclarecidas, no sentido de amparo aos sofredores encarnados e desencarnados. E acima de tudo, Deus, cumpra-se a Tua Soberana Vontade. Tu És Pai e nós somos filhos. Em Ti nos damos por servos, na augusta exemplificação de Jesus Cristo.”

Como vedes, espírito amigo, a prece deve ser a vida em vibrações mentais, bem assim como a vida deve ser a prece executada. Entrego-te uma invocação penetrante, necessária e feliz. Como a irás orar? Como a irás viver? O teu pensamento refulgiu, ao lê-la, de um modo brilhante, em repuxos de luz, em atrações amoráveis. Um pouco do céu interno evidenciou-se, e figuras belas foram criadas no campo de tua retentiva. Como é belo o orar com sentimento e inteligência, definindo supremos anseios!

Que a orem, portanto, todos os homens, felizes ou infelizes. Os que riem e os que choram, os que pedem e os que querem dar. Ela é uma ação. Que nela meditem os adeptos de todos os credos, enquanto não puderem fundir-se no único credo, que é o Amor.

Que a orem, acima de tudo, os que pedem pelos outros, os que necessitam desempenhar funções missionárias no seio da humanidade sofredora. Que a orem os que carecem de águas fluidificadas. Que a orem os que precisam libertar-se de atuações astrais. Poderosas legiões a acompanham, para espargir o bem a quem fizer por merecê-lo. Que a orem aqueles que, por suas divinas inclinações, durante o repouso dos corpos, desejem dar-se à assistência aos que pranteiam e gemem, em companhia dos iluminados do espaço. Que a orem a criança, o jovem e o velho.

E concluindo esta carta, peço um pensamento de amor para com todos os missionários de todos os tempos. A Obra Divina é de sempre e de todos. Ninguém jamais foi só, fez sozinho, fosse o que fosse. Deus quer e exige o espírito de **universalidade**, de **fraternidade**, de cooperação. Ama-te no próximo, e estarás edificando para ti mesmo um mundo interno, feliz e próspero. Ao reino do céu, que é interior a tudo e todos, não se vai por outro caminho.

DE UM EMISSÁRIO”